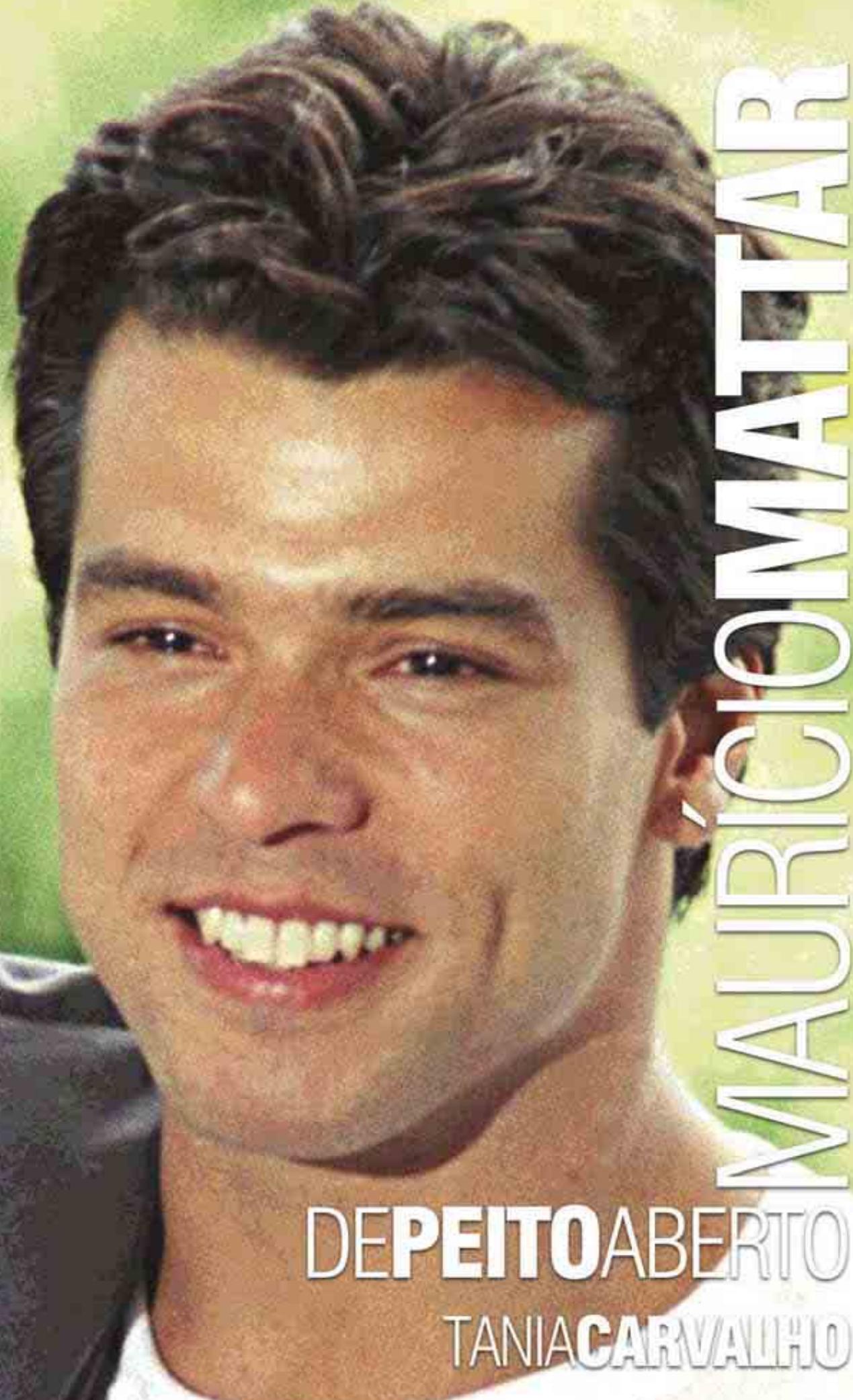


COLEÇÃO APLAUSO PERFIL



MAURÍCIO MATTAR

DE PEITO ABERTO

TANIA CARVALHO

imprensa oficial

Maurício Mattar

De Peito Aberto

Maurício Mattar

De Peito Aberto

Tânia Carvalho

| imprensaoficial

São Paulo, 2010

**GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO**

Governador **Alberto Goldman**

imprensaoficial

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Diretor-presidente

Hubert Alquéres

Coleção Aplauso

Coordenador Geral

Rubens Ewald Filho

No Passado Está a História do Futuro

A Imprensa Oficial muito tem contribuído com a sociedade no papel que lhe cabe: a democratização de conhecimento por meio da leitura.

A Coleção Aplauso, lançada em 2004, é um exemplo bem-sucedido desse intento. Os temas nela abordados, como biografias de atores, diretores e dramaturgos, são garantia de que um fragmento da memória cultural do país será preservado. Por meio de conversas informais com jornalistas, a história dos artistas é transcrita em primeira pessoa, o que confere grande fluidez ao texto, conquistando mais e mais leitores.

Assim, muitas dessas figuras que tiveram importância fundamental para as artes cênicas brasileiras têm sido resgatadas do esquecimento. Mesmo o nome daqueles que já partiram são frequentemente evocados pela voz de seus companheiros de palco ou de seus biógrafos. Ou seja, nessas histórias que se cruzam, verdadeiros mitos são redescobertos e imortalizados.

E não só o público tem reconhecido a importância e a qualidade da Aplauso. Em 2008, a Coleção foi laureada com o mais importante prêmio da área editorial do Brasil: o Jabuti. Concedido pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), a edição especial sobre Raul Cortez ganhou na categoria biografia.

Mas o que começou modestamente tomou vulto e novos temas passaram a integrar a Coleção ao longo desses anos. Hoje, a Aplauso inclui inúmeros outros temas correlatos como a história das pioneiras TVs brasileiras, companhias de dança, roteiros de filmes, peças de teatro e uma parte dedicada à música, com biografias de compositores, cantores, maestros, etc.

Para o final deste ano de 2010, está previsto o lançamento de 80 títulos, que se juntarão aos 220 já lançados até aqui. Destes, a maioria foi disponibilizada em acervo digital que pode ser acessado pela internet gratuitamente. Sem dúvida, essa ação constitui grande passo para difusão da nossa cultura entre estudantes, pesquisadores e leitores simplesmente interessados nas histórias.

Com tudo isso, a Coleção Aplauso passa a fazer parte ela própria de uma história na qual personagens ficcionais se misturam à daqueles que os criaram, e que por sua vez compõe algumas páginas de outra muito maior: a história do Brasil.

Boa leitura.

Alberto Goldman

Governador do Estado de São Paulo

Coleção Aplauso

O que lembro, tenho.
Guimarães Rosa

A *Coleção Aplauso*, concebida pela Imprensa Oficial, visa resgatar a memória da cultura nacional, biografando atores, atrizes e diretores que compõem a cena brasileira nas áreas de cinema, teatro e televisão. Foram selecionados escritores com largo currículo em jornalismo cultural para esse trabalho em que a história cênica e audiovisual brasileiras vem sendo reconstituída de maneira singular. Em entrevistas e encontros sucessivos estreita-se o contato entre biógrafos e biografados. Arquivos de documentos e imagens são pesquisados, e o universo que se reconstitui a partir do cotidiano e do fazer dessas personalidades permite reconstruir sua trajetória.

A decisão sobre o depoimento de cada um na primeira pessoa mantém o aspecto de tradição oral dos relatos, tornando o texto coloquial, como se o biografado falasse diretamente ao leitor.

Um aspecto importante da *Coleção* é que os resultados obtidos ultrapassam simples registros biográficos, revelando ao leitor facetas que também caracterizam o artista e seu ofício. Biógrafo e biografado se colocaram em reflexões que se estenderam sobre a formação intelectual e ideológica do artista, contextualizada na história brasileira.

São inúmeros os artistas a apontar o importante papel que tiveram os livros e a leitura em sua vida, deixando transparecer a firmeza do pensamento crítico ou denunciando preconceitos seculares que atrasaram e continuam atrasando nosso país. Muitos mostraram a importância para a sua formação terem atuado tanto no teatro quanto no cinema e na televisão, adquirindo, linguagens diferenciadas – analisando-as com suas particularidades.

Muitos títulos exploram o universo íntimo e psicológico do artista, revelando as circunstâncias que o conduziram à arte, como se abrigasse em si mesmo desde sempre, a complexidade dos personagens.

São livros que, além de atrair o grande público, interessarão igualmente aos estudiosos das artes cênicas, pois na *Coleção Aplauso* foi discutido o processo de criação que concerne ao teatro, ao cinema e à televisão. Foram abordadas a construção dos personagens, a análise, a história, a importância e a atualidade de alguns deles. Também foram examinados o relacionamento dos artistas com seus pares e diretores, os processos e as possibilidades de correção de erros no exercício do teatro e do cinema, a diferença entre esses veículos e a expressão de suas linguagens.

Se algum fator específico conduziu ao sucesso da *Coleção Aplauso* – e merece ser destacado –,

é o interesse do leitor brasileiro em conhecer o percurso cultural de seu país.

À Imprensa Oficial e sua equipe coube reunir um bom time de jornalistas, organizar com eficácia a pesquisa documental e iconográfica e contar com a disposição e o empenho dos artistas, diretores, dramaturgos e roteiristas. Com a *Coleção* em curso, configurada e com identidade consolidada, constatamos que os sortilégios que envolvem palco, cenas, coxias, sets de filmagem, textos, imagens e palavras conjugados, e todos esses seres especiais – que neste universo transitam, transmutam e vivem – também nos tomaram e sensibilizaram.

É esse material cultural e de reflexão que pode ser agora compartilhado com os leitores de todo o Brasil.

Hubert Alquéres

Diretor-presidente

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

*Para Suema, Sula
e minhas afilhadas Mila e Nina,
que me fizeram ser parte da sua família.*

Tania Carvalho

Introdução

Por que fazer um livro com Maurício Mattar? A pergunta correta é: por que não fazer um livro com Maurício Mattar? Apesar do jeitão de garotão, carioca, descolado, Maurício já está na maturidade: 46 anos e 30 anos de carreira. E tem muito a contar desde a sua estreia no Teatro Tablado, berço de uma geração de atores que continua brilhando na TV, no cinema e no teatro. É... seu berço é o teatro, embora muita gente nem tenha se dado conta disso, porque acompanha a sua carreira há mais de 20 anos somente na televisão. Desde a sua estréia em *Roque Santeiro*, em 1985, Maurício fez dezenas de novelas, passou de galã adolescente a galã maduro em um piscar de olhos. E hoje, garante, está buscando mais do que nunca desconstruir essa imagem. *Não que me importe de ser considerado galã, porque nada fiz para isso, e sei que tem gente que passa a vida correndo atrás dessa posição.* Mas sua inquietude pede mais.

Adepto da filosofia budista, fã confesso da literatura e de papos cabeça, Maurício faz várias citações. De músicas de Chico Buarque e Caetano Veloso a textos de Dalai Lama, todas elas precisas e elucidativas. Sem ter tido uma educação formal, porque optou pela arte aos

14 anos, Maurício passou a vida correndo atrás, ouvindo conversas, buscando se aprofundar em grandes temas nos livros, estudando todos os grandes filósofos, mestres da literatura em geral, poetas, escritores, passeando pelas religiões para entendê-las. Desse caldo surgiu um homem inteligente e antenado, bem diferente do estereótipo do homem bonito, que, aliás, realmente o é, e a idade só reforça isso. Suspiros!

14

Quem estiver armado, cheio de preconceitos, vai surpreender-se com a profundidade das colocações de Maurício, em especial sobre a sua própria vida. Amado por uns, detestado por outros quando ganhou o carimbo de *bad boy* por um tempo, Maurício não se furtou de falar de assuntos polêmicos, o que foi bastante corajoso. Depois de dez anos calado, ele abriu o peito para não deixar que nenhuma sombra pairasse sobre a sua história. Daí o título do livro: *De Peito Aberto*.

Nossos encontros aconteceram na minha casa. Maurício estava com a vida meio provisória neste início de 2010. Acabara de se mudar de uma casa, estava indo para um apartamento, mas, no momento em que as entrevistas começaram, ele estava morando de passagem em um apart-hotel. Gentilmente preferiu vir da Barra ao Leblon, duas vezes por semana, para que este

livro ficasse pronto logo. Havia certa urgência na sua necessidade de contar a sua história. Uma urgência até um pouco angustiada, como se temesse que a areia da ampulheta estivesse escorrendo mais rapidamente depois dos 40. Sua infância foi tumultuada, vivendo dividido entre a casa dos parentes. Sua adolescência foi uma enorme descoberta por causa do teatro. Sua fase adulta – *se é que algum dia fui um adulto de verdade* – abriu caminhos para se firmar no mercado. Sua maturidade promete revelar novas e inusitadas trilhas. Ou pelo menos é isso que ele está buscando.

Eu já conhecia Maurício há muitos anos, desde que trabalhei na TV Globo, nossa amizade se reforçou em uma ida deliciosamente divertida ao festival internacional de cinema de Manaus, mas certamente esses encontros que resultaram neste livro foram bastante elucidativos e me mostraram outra face do *menino bonito*. É esta que faço questão de dividir com os leitores.

15

Tania Carvalho
Verão de 2010

Capítulo I

Tempo de Falar

Em 2010 completei 46 anos de vida e 30 anos de carreira. Comecei a perceber que muita coisa que fiz era completamente desconhecida para toda uma geração. Isso me assustou um pouco e achei que era o momento certo de eu contar a minha história, não de uma maneira arrogante, mas simplesmente para não deixar passar em branco tudo o que fiz, o que sei, o que lutei, para que nada disso tenha sido em vão. Não quero somente que o meu presente e meus projetos para o futuro satisfaçam o imediatismo da curiosidade das pessoas. Quero que elas saibam com quem convivi quando dei meus primeiros passos como ator, o quanto aprendi nos palcos e até mesmo nas mesas de bar, depois das peças, com atores de uma geração que fazem parte da história cultural do Brasil, mas que podem até ser desconhecidos dos jovens de agora.

Há quem diga que estou na crise dos 40, especialmente porque tenho uma imagem jovem, atlética, sandália havaiana, bermuda. Pode até ser: sou ariano daqueles que quer ser um velho, mas com a alma jovem, com o espírito de criança. Porque se deixar que a vida me endureça

vou perder o melhor dela. Acho, porém, que mais do que uma crise de idade é uma reflexão sobre como devo encarar a maturidade. Um dia, Daniel Filho me disse algo, bem parecido com o que já havia sido dito por Paulo Ubiratan alguns anos antes: que eu era um homem, mas sem a aparência ainda para fazer um chefe de família, um executivo de peso, porque faltavam em mim os vincos no rosto, o sofrimento, que dão peso a um ator.

18 Acho que nos últimos anos eu vivi o sofrimento. E aprendemos no amor ou na dor, e especialmente, no amor que vira dor. As rugas podem ainda não ter aparecido no rosto, mas os vincos de sofrimento na alma me fizeram querer com mais vontade descobrir um novo Maurício, não para provar nada a ninguém, não de uma forma ansiosa, não de um modo desesperado, mas com certa destreza, inteligência, esperteza de alguém que passeia por todas as tribos. Quero simplificar a minha maturidade em todos os sentidos. Preciso fazer a metamorfose do garotão para homem maduro com sabedoria, conhecimento, usando a experiência. Persigo as palavras de Nietzsche, para quem a maturidade no homem pode significar encontrar o lado sério da criança que existe dentro dele. Isso seria a perfeição e é isso que busco.

Não quero que criem mais confusão em torno do meu nome. Acho até que, em alguns momentos da minha juventude, alimentei tudo isso. Gosto hoje de paquerar a atitude do Chico Buarque, que caminha todos os dias na praia do Leblon e depois de muito ser fotografado, parece que desistiram. Enjoaram de tirar sempre a mesma foto: aquele homem que caminha com a mesma bermuda, a mesma camiseta. As fotos são sempre iguais. Pode ser que mude a cor do céu, uma gaivota que pousa na areia, uma onda mais forte, mas Chico... é sempre o mesmo Chico. E não vai comprar nada de novo só para sair nas páginas de revista. Essa é uma realidade e uma metáfora perfeitas e que me guiam.

19

Quero permanecer em uma velocidade de cruzeiro pela minha vida. Sei que não é fácil ter um vôo maravilhoso todo o tempo quando o destino é longínquo. Quero ir até onde der. A partir de agora, com certeza, vou levar o planador em um vôo mais liso, mais macio, porque já sei onde as turbulências estão. Isso não quer dizer acomodação, pelo contrário. É somente num voo tranquilo, em que posso dar vazão à minha inquietação.

No teatro, sei que basta para mim a vontade de fazer, porque tenho a minha turma, a minha tribo, a minha patota. Levo a galharufa dentro

de mim que sempre me permitirá transitar bem nesta estrada. Minha história começa no Teatro Tablado ao lado de Maria Clara Machado, Carlos Wilson, o Damião, e tantas pessoas maravilhosas que me fizeram ter a paixão pelo palco, que permanece inalterada até hoje. Lá fui e sempre serei rei, pobre, vilão, sapo, menina, coveiro – o que quiser, e quando quiser. Ninguém faz teatro para ser galã, mas para aprender o ofício. A televisão, porém, me marcou como galã, me colocou no nicho dos homens bonitos, na gaveta dos conquistadores – ao mesmo tempo em que te dá notoriedade, te rotula, te enquadra no padrão.

20 Antes que digam que estou cuspiendo no prato que comi, tenho muito carinho pela televisão e por tudo o que fiz nela, desde meu primeiro trabalho, João Ligeiro na novela *Roque Santeiro*. Só que hoje acho importante descobrir uma maneira de quebrar o estigma. Quem sabe alguém ao ler esse livro se incomode saudavelmente, fique curioso e a curiosidade leve ao encantamento e com isso surja uma conspiração para que eu consiga alcançar este meu desejo. Queria fazer um personagem diferente, como Tarcísio Meira em *Grande Sertão Veredas*. Quanto tempo ele levou para desvincular a sua imagem de galã, para provar que podia fazer algo diverso? E como fez bem. Queria uma chance assim: viver um homem

gordo, prognata, manco, cego, barba por fazer, não importa, algo que mostrasse os famosos vincos. Como minha meta é a tranquilidade, não preciso ficar ansioso, preciso estar atento para perceber os sinais e agarrar com unhas e dentes a oportunidade quando ela aparecer. Porque às vezes é bem difícil, a TV é uma fábrica incessante de trabalhos, você emenda um no outro, e nem sempre consegue tempo para se desfazer de um personagem e montar o outro. Mas acho que tendo esta consciência estarei alerta.

Como disse antes, espero que a minha caminhada seja ainda bem intensa. Se a quantidade de trabalho diminuir – e isso é normal, o temporizador começa a soar – espero que a qualidade seja cada vez maior. Acho que quanto mais pancado, mais porrado, mais sambado, mais vou saber escolher meus caminhos. Sem rancores por nescas do passado, sem medo de pedir desculpas por erros eventuais que cometi, alguns que não podem ser consertados, mas pelos quais posso me arrepender, sem máculas, sabendo conviver com os espinhos na trajetória, porque eles são inevitáveis e te deixam ligado, atento. Já tive momentos da minha vida em que fui muito chato. Houve outros que foram muito chatos comigo. Hoje tento descobrir a cada dia mais sobre a arte de engolir sapos, porque sapos tam-

bém alimentam e te fazem ficar mais forte e te afastam do precipício. Não sou mais de saltos, arrancos, turbulências. Estou mais Capricórnio, mais equilibrado. Tudo o que passei me serviu de lição. Se vou errar, quero erros novos.

E, certamente, é tempo de falar.

Capítulo II

A Gênese

Vivi e fui criado emprestado na família. Meu espelho de pai foi o mundo. Meu espelho de mãe foi a vida.

Sou filho único. Sempre fui uma criança sozinha, cresci brincando comigo mesmo, criando meus irmãos imaginários, inúmeros personagens que interagem comigo. Nunca fui mimado: não tive nem tempo e nem oportunidade para isso, muito pelo contrário. Nunca tive um quarto só meu, nunca tive mesada e, muito menos, grandes manifestações de carinho. Meus pais se separaram quando eu tinha mais ou menos cinco anos. Para mim estava tudo certo, não me preocupei muito, foi como se eu tivesse nascido com um *chip* de compreensão sobre esse assunto. Minha mãe veio conversar comigo e eu a tranquilizei, dizendo que tudo ia acabar bem, que estava tudo certo. De verdade, confesso, não estava me preocupando muito mesmo com aquela nova situação.

Morei em muitos lugares na minha infância. Meu pai e minha mãe não tinham condições financeiras para a separação. Minha mãe era dona de casa, havia estudado piano, balé e sonhava

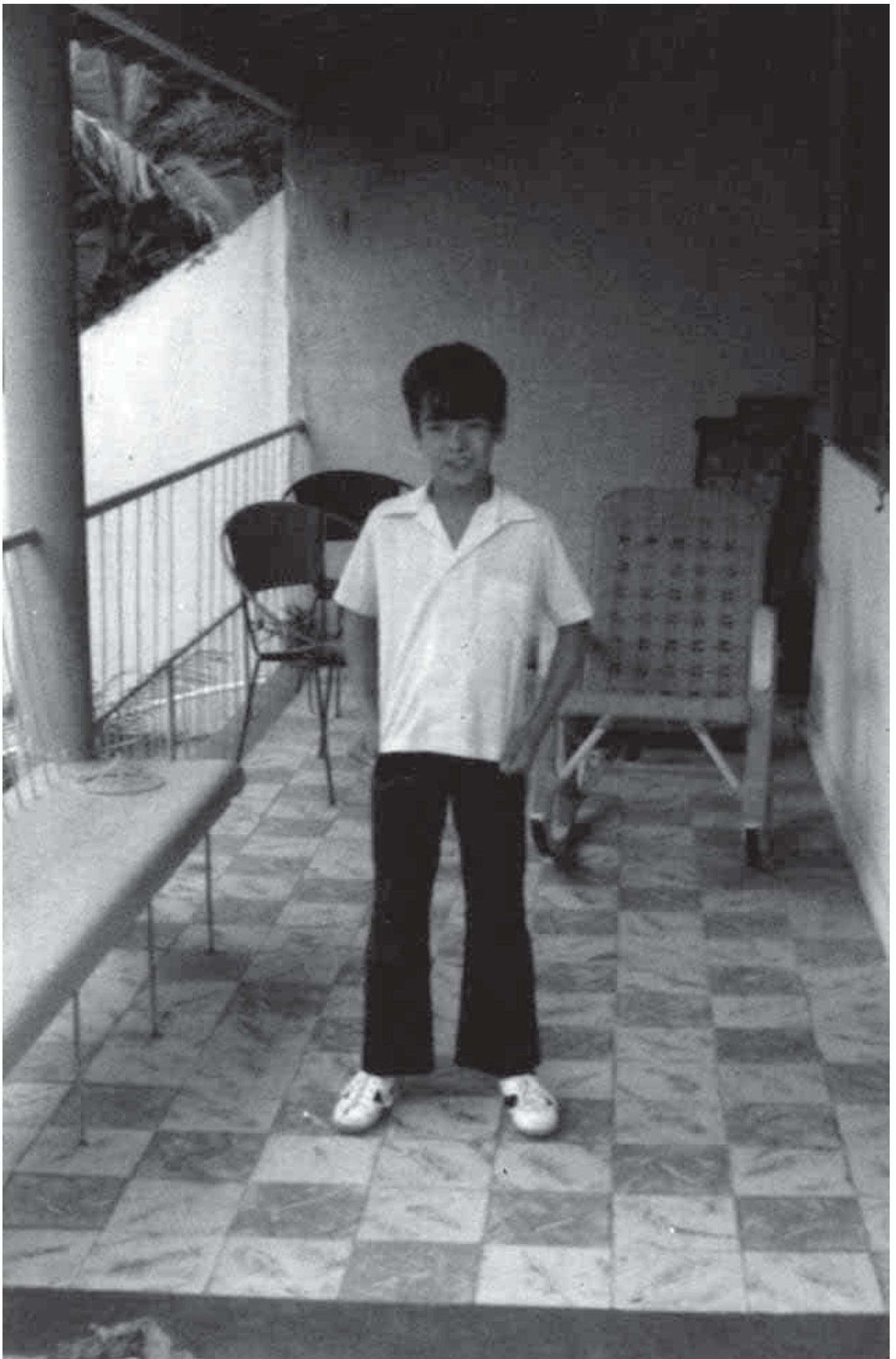


Aos 3 anos, detestando estar com o Papai Noel, 1967

em ser artista, mas foi completamente castrada. Até hoje ela diz que sou artista, porque puxei a ela. Meu pai era da Aeronáutica e trabalhava no antigo DAC, hoje ANAC, foi fiscal no Aeroporto Santos Dumont por 35 anos. Era irresponsável com dinheiro, bebia muito, jogava e fui crescendo vendo tudo isso. Quando eles se separaram, minha mãe foi morar com a tia, por quem foi criada, e meu pai voltou para a casa do seu pai. Fiquei com minha mãe na Tijuca por alguns anos e lá conheci a favela poética, como era naquela época. A casa ficava no sopé do morro, na Rua São Miguel, 150, e era branca, o que deu nome ao Morro da Casa Branca. Tinha um elevador Lacerda com uma passarela comprida sob uma escadaria de 365 degraus como os dias do ano. E nos dias de São Cosme e São Damião cresci enchendo saquinhos com balas, brinquedinhos, doces etc., durante as noites que antecediam a data para o ritual de distribuir no muro que existia na casa. Neste muro havia uma portinhola que dava acesso à favela e eu via todo mundo subindo e descendo. Davi era um garoto um pouco mais velho do morro que era meu babá. No morro não havia drogas, tráfico de armas, facções, crime organizado. Era samba e poesia e isso ficou encravado na minha memória. A família da minha mãe era bem grande. Libaneses, de Beirute, Habib Mattar, que quer dizer



Aos 5 anos, com seu pai, Jarbas



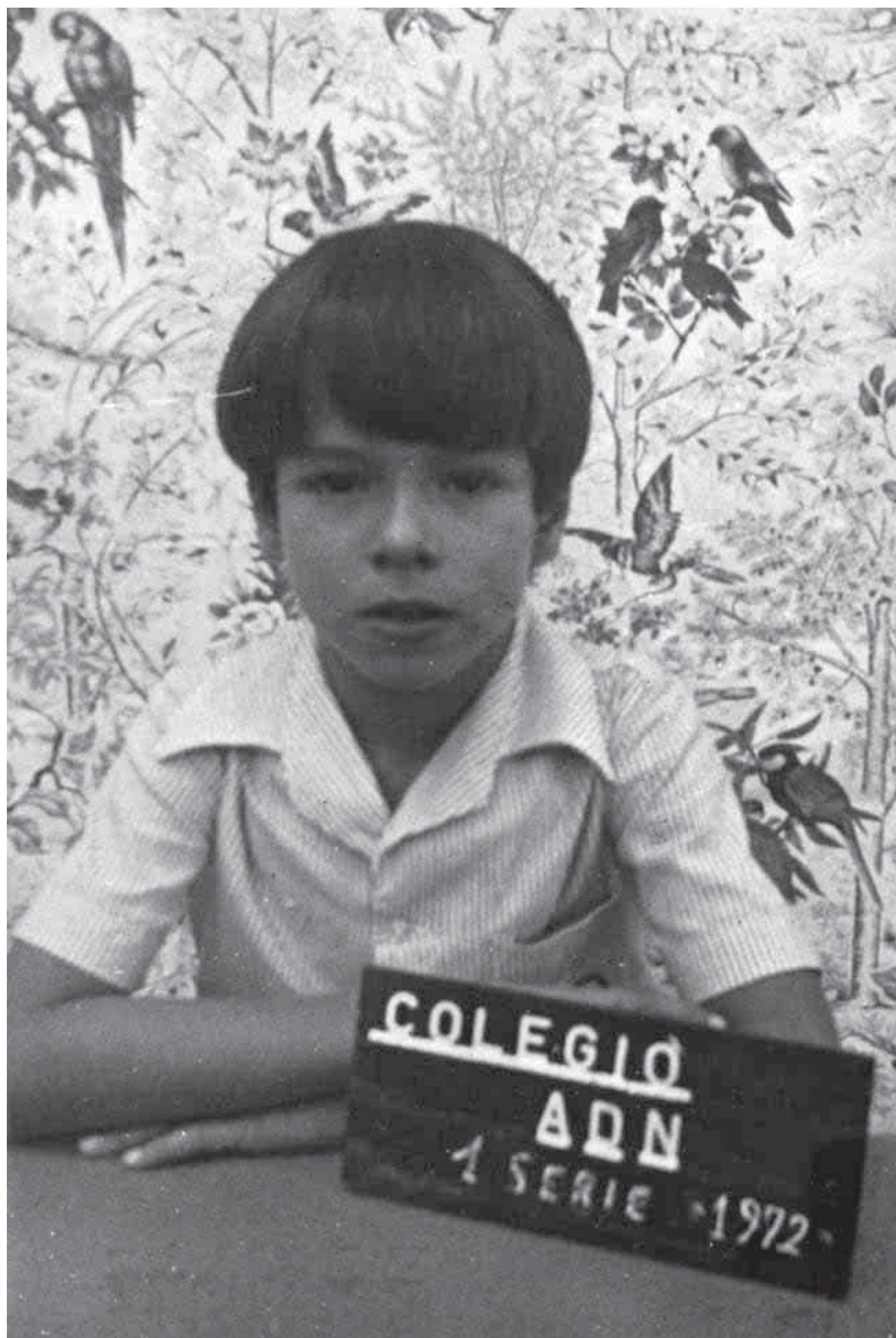
Na varanda da casa, no sopé do Morro da Casa Branca

querida chuva. Era uma família animada, que todo domingo se reunia no almoço, um bando de tios, tias, primos, eu me sentia especialmente feliz ao lado deles.

Depois de um tempo fui morar em Copacabana com a minha madrinha, irmã de meu pai. Tive uma infância cigana, com certeza. Em Copacabana descobri o surfe, a praia, a atividade física, não havia academia em cada esquina como hoje, *personal trainer*, homens e, principalmente, mulheres em permanente malhação.



Na bandinha da escola, 1968



Na escola, 1972



Em festa na escola, 1973

Havia halterofilismo em apenas duas academias antigas e barras paralelas e prancha abdominal na praia. Esse foi o mundo que conheci em Copacabana, uma infância mais urbana. Com alguns parentes e amigos eu ia nas férias para uma casa em Teresópolis, foi quando comecei a ter contato profundo com a natureza e passei a compreender Deus por meio dela: as matas, as cachoeiras, as nuvens carregadas de chuva, os trovões, os raios, o cheiro da chuva no mato, a relação com os animais, a vaca, o cavalo, o girino, a terra, a minhoca, a bosta, o cogumelo, as reações da natureza, tudo isso me dava e ainda me dá uma alegria enorme e pautou bastante a minha infância.

31

Aos finais de semana eu ia para Realengo, subúrbio carioca. Ali era hora de brincar na rua, de soltar pipa, fazer cerol, sair na porrada, um tipo de infância diferente tanto da Tijuca, quanto de Copacabana, dois bairros de classe média. Com meu pai tinha uma relação mais carinhosa, muito mais do que com a minha mãe. Foi com ele que desenvolvi algo mais próximo, aconchegante. Assistíamos na madrugada filmes de *bang-bang* e musicais. Ele era espírita e coçava as minhas costas quando eu ia dormir, fazendo uma oração:

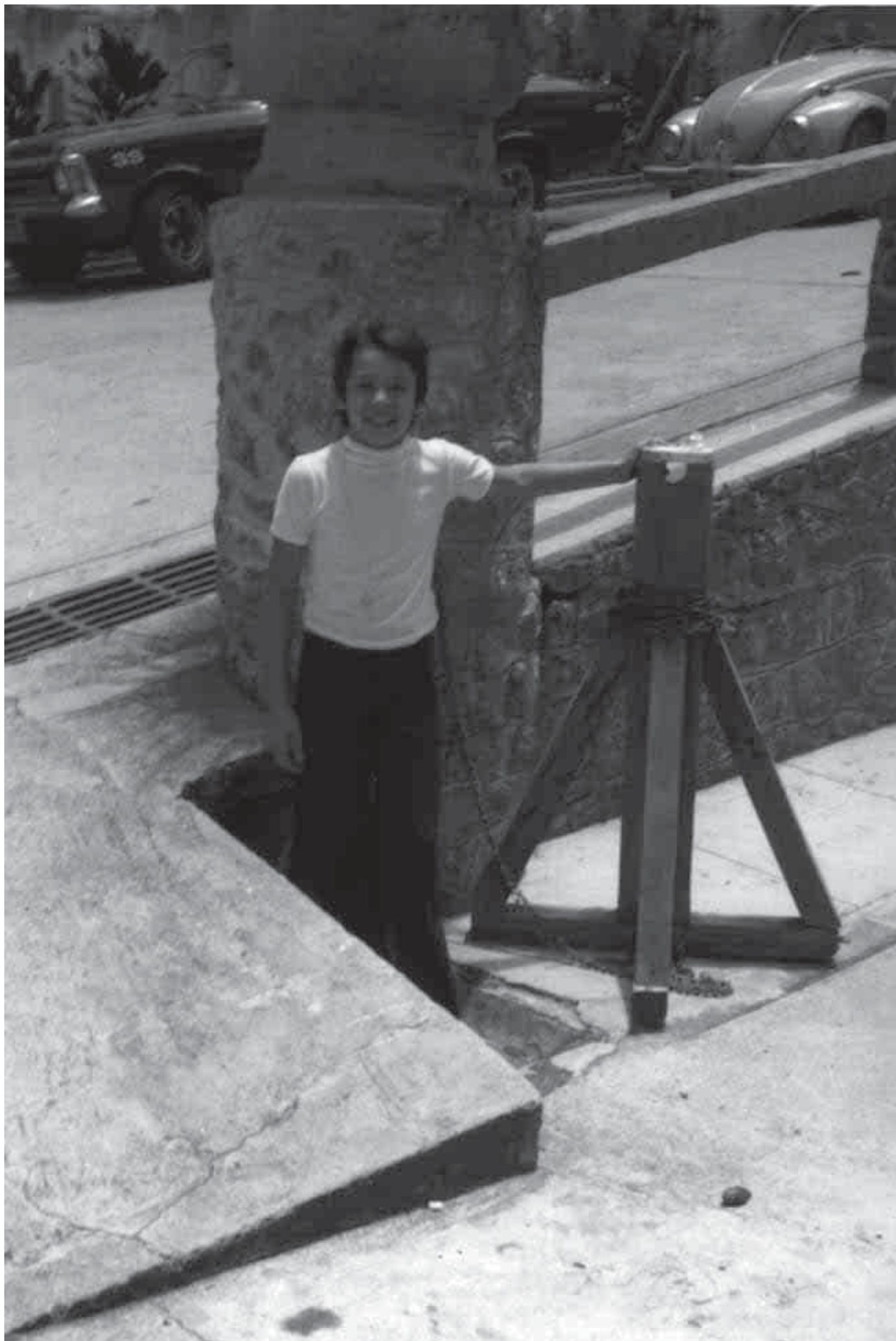
*– Grande foco vida do universo;
Aqui estamos a irradiar pensamentos às*

*forças superiores;
Para que a luz se faça em nosso espírito;
E ele tenha a consciência de seus erros;
A fim de repará-los e evitar o mal.*

Meu pai gostava de cantar também, Lupicínio, Ataulfo, Carlos Galhardo, fazia aquele vozeirão e tudo isso me encantava.

32 Foi de Copacabana que saí para o mundo. Minha tia me podava muito, tinha medo que eu fizesse amigos na rua, achava o surfe um esporte perigoso. Ela era jovem, menos de 30 anos, tinha muita vontade de ter filhos, eu era filho do seu irmão, estava sob seu domínio, ela tinha o direito de posse. Depois ela teve três filhos, que pegaram o lado bom. Eu penei nas mãos delas: se tivesse conduta errada na escola, precisava escrever 200 vezes que não ia me comportar mais daquele jeito. Um relógio marcava o tempo, se eu não conseguisse cumprir a tarefa no prazo estipulado, era obrigado a escrever mais 200 vezes. E sempre achei escola uma coisa muito chata. Era uma obrigação penosa, que me fazia ter altos momentos de reflexão.

Eram os anos 70, época de camisa *Hang-Ten*, calça de veludo cotelê, tênis Monte Carlo, *skate* e *surf*. Eu surfava escondido. Escondia minha prancha, que era bem velha e tinha conseguido



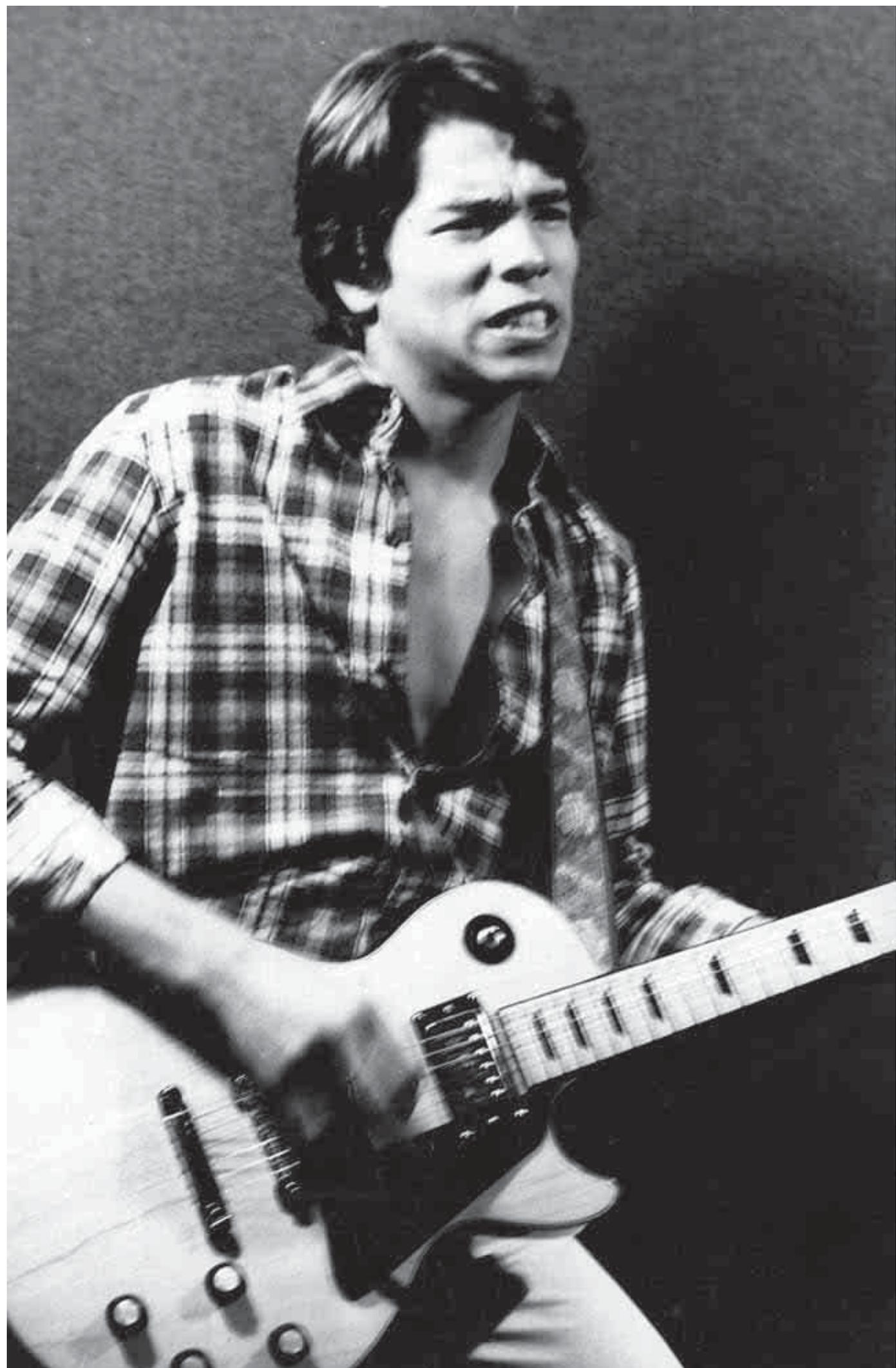
No dia da primeira comunhão, 1974

trocar por um relógio, no quartinho do porteiro, que ficava na garagem do prédio, era um lugar muito úmido e com cheiro permanente de feijão feito por ali num fogãozinho de duas bocas. Ao lado havia um colchonete que aconchegava um violão velho de cor verde e marrom, horrível, mas que me fazia feliz, toda vez quando voltava da praia, e o porteiro tocava e cantava me ensinando sobre esse mundo da música, canções lindas do mestre Luiz Gonzaga, Dominginhos, Jackson do Pandeiro e tantos outros. O fato de guardar uma prancha desse jeito misturava em mim tristeza, por não ser igual aos meus amigos que guardavam as suas em casa, e felicidade por conhecer a música, as canções, os acordes, um instrumento e, acima de tudo, a generosidade e amizade de um porteiro.

Mas para tudo isso acontecer, saía devagarzinho, sem fazer barulho, às quatro da manhã, tudo escuro ainda, para ninguém na casa perceber que estava indo surfar. Voltava na hora do almoço para aguentar as broncas. Mas eu preferia ganhar esporro a me privar de fazer aquilo que amava muito. Essas fugas foram constantes na minha vida em Copacabana. Não fui um garoto-enxaqueca, que só dá problemas, mas meu lado independente se manifestava. Eu vivia fugindo e, se não fizesse isso, se não criasse meios de me



Aos 8 anos, já com dotes musicais, 1972, SP



divertir, iria contrariar a minha natureza. Eu me sentia preso, tolhido, sabia que não havia necessidade de tudo aquilo. Ao mesmo tempo, percebia que ela fazia tudo aquilo por uma sobrecarga de amor, era tanto zelo, tanta vontade de acertar comigo, que ela perdia a mão e passava dos limites. Como notava isso, aguentava. Além do mais, não tinha muita saída, porque não podia contar com meu pai e nem com a minha mãe.

Eu me sentia em um presídio e decidi que precisava o quanto antes ter uma profissão, que me desse segurança, e quanto mais cedo eu começasse, logo poderia colher os frutos daquilo que plantara. Eu me incomodava muito ainda com o fato de a minha mãe morar emprestada na casa dos outros. Meu pai, mal ou bem, tinha seu pouso. Minha mãe não tinha a sua casa. Sabia que precisava ganhar dinheiro logo. Minha madrinha queria que eu estudasse para entrar nas Forças Armadas. Até fui um pouco seduzido por essa possibilidade, talvez por causa da farda. Cheguei a fazer alguns cursos preparatórios, mas a minha determinação falou mais alto. Se não aguentava o poder autoritário da minha madrinha, como poderia aguentar a estrutura militar?

Eu vivia vendo a Sessão da Tarde, filmes água com açúcar com Elvis Presley, Frank Sinatra e um dia me dei conta de que se eu fosse ator eu

podia usar farda, podia ser médico, podia ser lixeiro, podia ser *tudo*. Sinatra e Presley foram fundamentais na minha decisão. Um dia estava no sofá, morto depois de surfar, e tive um estalo, uma epifania: *vou ser ator*. Sempre havia feito teatro na escola, desde os quatro anos, minha mãe insistia que eu participasse, fazia as fantasias perfeitas, fui Papai Noel, São José, tocava na bandinha. Talvez isso tenha tido realmente importância, mas foram os filmes musicais que me empurraram mesmo para a carreira. Na praia eu tinha dois amigos mais velhos, um jóquei, que me ensinara a fazer barra paralela e um ator, Fernando José, que me havia ensinado a correr. Perguntei para ele como eu fazia para entrar no teatro. Tinha pressa, não queria teoria, queria praticar. E foi ele que me indicou o Teatro Tablado. Entrei lá não saí mais.

Aos 14 anos saí da casa da minha madrinha e caí no mundo, vivendo na casa de um, dormindo na casa do outro, comendo geléia de mocotó, ou não comendo nada. Continuei meus estudos aos trancos e barrancos e só parei quando acabei o curso médio, científico na época. Se me arrependo de não ter feito faculdade? Claro que não. Já naquela época havia muita gente que fazia faculdade, tinha o diploma pendurado na parede e estava passando fome. Como diz Vinícius de Moraes, *ser poeta da vida é muito*

mais interessante. Ele era diplomata, e virou compositor, boêmio, e muito feliz. Muitos anos depois fiz alguns períodos de Filosofia, que foram ótimos para resgatar alguns fundamentos, especialmente literários. Sempre gostei de livros, de frequentar bibliotecas, de histórias, desde que elas me eram contadas pela minha tia-avó, narrativas inventadas por ela que inundaram a minha imaginação. Eram histórias sempre com teor de compaixão, generosidade, espiritualidade e ética corretiva. Isso foi moldando um pouco também o meu caráter. E até hoje os livros são meus grandes companheiros.

Tenho certeza de que escolhi o melhor caminho para mim. Minha mãe ouviu muitas vezes da família: *está lavando liquidificador, mas jamais vai ter um, seu filho decidiu ser ator*. Tenho certeza, porém, de que ela sempre se orgulhou da minha escolha.

E eu também.



*Com Ernesto Piccolo, Cássia Fourreaux e Carlos Wilson,
o Damião*

Capítulo III

O Teatro Tablado

Eu me lembro exatamente como foi. Entrei naquele pequeno prédio no Jardim Botânico, onde fica o Teatro Tablado, e comecei a olhar os quadros nas paredes, com um monte de gente que conhecia, artistas famosos. Senti algo bem estranho: era como se eu estivesse sempre estado naquele lugar, a minha intimidade foi imediata e absoluta. Não havia sido apresentando a ninguém, mas sentia que conhecia tudo aquilo. Nada me era estranho. Fui abrindo portas até chegar ao teatro. Lá dei de cara com uma figura: um homem grande, gordo, com um bigodão, careca. Era Carlos Wilson, o Damião. Ele veio em minha direção, olhou bem para mim e perguntou o que eu queria. *Quero saber como faço para ser ator de teatro?* Ele me explicou que ia começar em seguida uma aula e, se eu quisesse, podia assistir. Fui ficando e vendo a turma se exercitar: Andréa Beltrão, Antônio Breves, Fernanda Torres, Chico Diaz, Pedro Cardoso, Ticianá Studart, Ernesto Piccolo, Janser Barreto. Meu Deus, que turma! Comecei a ver as improvisações e no mesmo momento percebi o quanto aquilo poderia ser bom para a minha alma. Posso dizer, sem medo de errar, que o bichinho do teatro me mordeu naquele momento.

Quando acabou a aula estava em choque. *É isso que eu quero, quero morar aqui. Para sempre.* Damião perguntou o que eu tinha achado, acho que nem consegui responder, ele percebeu o meu estado e me convidou para fazer a próxima aula, na semana seguinte. *Caramba, vou ter de esperar uma semana!* Sete dias depois, sete intermináveis dias depois, estava de volta ao Tablado, dessa vez para ficar. Mas havia um problema: não tinha condições de pagar o curso. Ele me apresentou para Maria Clara Machado, eu expliquei o meu problema e imediatamente



Em Nossa Cidade, com Andréa Beltrão, no Tablado

ela me deu uma bolsa. Ela gostou de mim de cara. A partir daí foi tudo muito rápido, logo eu estava dentro do processo. No final de 1978 eu já estava no elenco de *Nossa Cidade*, de Thornton Wilder, protagonizando ao lado de Andréa Beltrão, montagem de final de ano do Tablado.

Eu dei sorte de estar no lugar certo, na hora certa, com a turma certa. Eu adorava tudo nas aulas, porque cada uma tinha uma cor diferente. Eu não entendia bem, mas gostava muito, das aulas de improvisação – elas realmente aqueciam a minha alma: ser vela tremulante, semente que vira planta. Eu me lembro que fazia tudo com muito apuro. Tem que ser semente? Então vou ser em todos os detalhes, até a ponta do dedo mindinho. Algumas vezes tínhamos algo prosaico para fazer: estávamos todos em uma festa e alguém fazia algo inconveniente, peidar, por exemplo. Cada um tinha a sua reação, às vezes *over*, às vezes de menos. E Damião ia lapidando o nosso trabalho. *Está falando baixo. Está de costas para a platéia. Menos, menos.* O Tablado era muito voltado para a prática teatral e eu adorava isso. Sabia que podia buscar a cultura, os clássicos, nos livros. Eu tinha urgência e o Tablado foi perfeito neste sentido. Realmente busquei o embasamento na literatura, li muita coisa importante na época, corri atrás mesmo,

para poder discutir sobre autores, seu estilo, não dava para brincar em serviço. Era uma época em que cultura era valorizada e eu, com apenas 14 anos, precisava fazer um esforço para ficar em pé de igualdade com as pessoas com quem conversava. Hoje não acho que demonstrar conhecimento seja indispensável para o sucesso. Os tempos mudaram. Mas nos idos de 70 para fazer parte do grupo, para ser respeitado no clã, para ser ouvido na classe teatral era preciso saber alguma coisa. Como seria possível sentar em uma mesa de bar com Ziembinski com cara de bobo? Ou frequentar a casa de Fernanda Montenegro e Fernando Torres sem nunca ter lido Shakespeare? Há um ditado que diz que com tempo e paciência a folha da parreira se transforma em seda. Apesar da minha ansiedade de aprender logo, havia outro lado meu que sabia a necessidade de embasamento, porque isso faria aflorar lados meus que nem conhecia. Eu quis, busquei e fiz por onde.

Havia encontrado o teatro e não ia mais voltar para casa. *Já que moro emprestado para a família – e família é muito chato – vou morar emprestado com o mundo que me quer muito bem – pensei. E assim o fiz. Morei com amigos, na casa de um, na casa de outro. Ganhava um dinheirinho com as peças e minha mãe começou*

a trabalhar fazendo unha para a própria família, às vezes, babá, e me ajudava com o dinheirinho que ganhava. Junto com o ator Larry Muller fiz uma dupla de palhaços para apresentar em escolas: Birosquinha e Bacalhau. Fazíamos três a quatro apresentações em escolas do Rio de Janeiro por dia, todos os dias da semana. Trabalhei muito também com a Lupe Gigliotti, Cininha de Paula e Vera Joppert, que tinham a companhia de teatro CIVELU, que fazia espetáculos em festas de crianças. Com isso colocava mais água no feijão sem caroço, engrossava com farinha e acabava a refeição com geléia de mocotó Colombo. Dormia na casa do Damião, fiquei muito tempo com Ernesto Piccolo, que morava na descida do Joá com a mãe e o irmão; Neusinha Caribé estava começando a namorar Guilherme, filho do Dias Gomes e da Janete Clair e eu caía lá de vez em quando.

45

Em determinados momentos não tinha onde dormir, porque não tinha nem dinheiro para pagar a condução e precisava acabar em banco de praça, forrava com jornal para aquecer e adormecia assim mesmo. Uma vez vieram uns moleques com um pau em brasa jogando em cima de mim e saí correndo pelas ruas de Copacabana. Hoje quando penso nisso acho até romântico, mas na época não era não, era pedreira, não foi mole estar no

meio do olho do furacão em determinados momentos. Mas eu tinha um objetivo, ser um ator consagrado de teatro, ser um ator elogiado pela crítica, fazer peças que elevassem a minha categoria no meio teatral. E, se para isso, era necessário esse tipo de sacrifício, tudo bem. Meus tempos foram outros e acho ótimo ter vivido em uma época em que havia disciplina, profissionalismo, aprendizado e responsabilidade com o trabalho. Dinheiro? Não era o que importava. Dinheiro quando chegava, a gente reunia todo mundo e ia para o restaurante, beber, comer pizza junto, gastava tudo mesmo.

46 A turma adorava sair toda junta, bem paz e amor, era tempo do píer de Ipanema, Gabeira com sunga de crochê, Gal, Gil e Caetano bombando, os Gracie começando a ser respeitados, rolava de tudo, mas nada de droga pesada, havia inocência, pintava um fumo regularmente, uma coisa totalmente romântica. Pouco a pouco fui conhecendo as pessoas de peso no teatro: íamos muito à casa da Fernandinha e do Cláudio Torres em Teresópolis e no Jardim Botânico. Na Trattoria, restaurante que a classe teatral frequentava em Copacabana, conheci Roberto de Cleto, Hélio Ary, Leonardo Villar, Ziembinski, Madame Morineau. Era um pirralho, mas me sentia fazendo parte de alguma forma de uma nata privilegiada.

No Tablado fazíamos teatro 24 horas por dia, gostávamos de trocar a gelatina do refletor, mexer no urdimento, costurar até de madrugada os figurinos. Maria Clara Machado era uma pessoa muito especial: compassiva, generosa, calma, doce, nunca a vi gritar. Ela, como eu e Marlon Brando, somos do dia 3 de abril. Nos entendemos no primeiro olhar e para mim ela era como uma fada. Com Maria Clara fiz, acho que umas oito peças infantis: *Os Cigarras e os Formigas*, *O Camaleão* e *as Batatas Mágicas* e tantas outras – sou ruim de lembrar nomes, datas. Tudo era tão bom no Tablado que as épocas se misturam. Era tudo teatro e dos bons. E o público era maravilhoso, as famílias levavam de fato suas crianças, seus adolescentes. Hoje passou uma certa idade, as crianças já querem usar batom, salto alto, calça justa e ir ao baile *funk*. Não há a mesma inocência e o encantamento com a magia do teatro. E Maria Clara representava esta magia, com sua luz e energia. Sempre pronta, sempre ereta, sempre doce. Isso me fascina até hoje.

47

Algumas vezes ela me convidou para ir à casa de Teresópolis, onde iam pessoas muito especiais e era fantástico. Ficava até um pouco tímido, *por que esse merecimento?* – me perguntava. Era carinho, afeto, cumplicidade que existiram desde o primeiro momento em que nos olhamos e ela

resolveu me dar a bolsa de estudos que mudou a minha vida. Ela foi a minha grande possibilidade na vida, a pessoa que me deu sinal verde, carta branca para crescer, fazendo aquilo que aprendi a amar tão rapidamente. Para Maria Clara minha admiração e carinho eternos!

Embora tenha trabalhado nas montagens de Maria Clara, aula eu tive mesmo com Damião. Algumas poucas vezes, quando Damião estava gravando novela quem o substituía eram Bernardo Jablosnki e Ricardo Kosowsky, o que foi muito bom. Havia outros grupos no próprio Tablado,



Em Os Cigarras e os Formigas, 1981

mas trabalhar com Damião foi fundamental porque ele gostava de fazer espetáculos com jovens. Ele entendia isso e me ensinou realmente tudo. Damião me preparou para o teatro. Foi ele que me deu os rudimentos da profissão e depois os lapidou. Seus ensinamentos me prepararam para falar de um jeito no teatro, que não ensurdeça as pessoas na primeira fila, mas que seja ouvido na última fileira. E, além de tudo isso, ele me deu a grande oportunidade no teatro profissional, quando montou *Capitães da Areia*, em 1982, seu primeiro trabalho fora do Tablado.



Em O Camaleão e as Batatas Mágicas



O primeiro elenco de Capitães da Areia, 1981

Capítulo IV

O Marco Zero

Nesse velho trapiche abandonado as crianças dormem, eu gostaria de pedir um minuto de silêncio pelo falecimento da Elis Regina – essas foram as primeiras palavras ouvidas pela platéia de *Capitães da Areia* em sua estreia. Eu fazia o narrador, Ezequiel, e estava duplamente emocionado, por fazer a minha grande estreia no teatro, fora do Tablado, após muitos espetáculos infantis e adultos por lá, e pela morte da artista que admirava. Era 19 de janeiro de 1982.

51

O início, porém, havia acontecido um ano antes. Damião abriu testes de atores no final de 1980, vieram atores de todos os grupos cariocas, gente de fora, de várias escolas, para que ele finalmente formasse um grupo: Dedina Bernadelli, Felipe Camargo, Roberto Bomtempo, Alexandre Frota, Roberto Bataglin, Felipe Martins, Thiago Santiago, Carlos Cardoso. Começamos a ensaiar na sede do Flamengo, no Morro da Viúva, depois nos mudamos para o CEU – Centro de Estudos Universitários, na Praia de Botafogo, onde o grupo de Amir Haddad tinha sede, nos misturamos muito e foi uma experiência bem bacana, fiz até uns espetáculos de rua com Amir.

Durante este ano trabalhamos duro, com diversos autores. Damião usava tudo, em benefício da peça, do nosso desenvolvimento, como um aprendiz. Foi um processo intenso. Estreamos ali mesmo, no CEU, mas o sucesso foi tão grande que poucos meses depois estávamos no Teatro dos Quatro durante quatro meses, depois no Teatro Casa Grande por mais alguns meses e, por fim, no Teatro Ipanema. *Capitães da Areia* era *cult* absoluto. Yan Michalski, o crítico mais respeitado da época, escreveu: *na sessão a que assisti, como parece estar acontecendo em todas as vesperais, para não mais de quatro ou cinco adultos havia perto de 200 gatinhas e gatos, em torno dos 16 anos: um público animado, saudável, bonito, vestido na última moda esportiva, que acompanhava com visível interesse as aventuras da miserável juventude abandonada da Bahia.*

Depois do Rio começamos a mambembear pelo País. E a ganhar dinheiro, nada que nos fizesse ricos, mas o suficiente para pagar todos os nossos prazeres, inclusive, conhaque de mel. A gente bebia isso que nem água em bica. Tomávamos aquele que o *barman* misturava o conhaque com o mel na nossa frente e também o que já comprávamos pronto. A gente AMAVA. Quando estávamos em Salvador, nos hospedamos no Pelourinho e ficamos tão *descacetados* que



*Com seu primo Marcelo Mattar e Roberto Bataglin,
em cena de Capitães da Areia*



Como Lampião, em Capitães da Areia, com Roney Vilela

soltamos todos os passarinhos que estavam nas gaiolas nos corredores. O dono do hotel ficou furioso e mandou todo mundo embora. Como disse, eram tempos inocentes, comunitários, afetuosos, ninguém saía comprando briga na rua e sim soltando passarinho da gaiola. Paz e amor. Sexo, drogas e *rock and roll*, mas tudo *light*.

54 Nós, do grupo *Capitães*, viramos ídolos. Outro personagem que fazia na peça era Pirulito, um menino do trapiche que queria ser padre e fiquei conhecido por muito tempo por este apelido. Eu achava maravilhoso ser conhecido por toda uma geração, por um apelido que me fora dado pelo teatro, por um personagem de Jorge Amado. Dávamos autógrafos na rua, tínhamos seguidores, fãs que assistiram ao espetáculo mais de 200 vezes, davam inclusive as falas antes mesmo da gente, usavam camisetas dos seus atores prediletos. Era um público jovem, tanto quanto a gente. Eu me lembro da Malu Mader chorando na nossa partida para Barbacena, quando acabamos a temporada no Rio no Teatro Ipanema. Imagina que fomos parar em um convento de freiras e o que aprontamos não foi mole. A temporada durou muito mais do que muitas montagens adultas com atores consagrados. Para nós foi um acontecimento, começávamos a vislumbrar ali aquilo tudo que almejávamos conquistar.

Capitães da Areia foi o marco zero da carreira de muita gente, inclusive da minha. Foi um momento de alegria, conquista, felicidade. Havia uma ebulição jovem na época, era o começo dos anos 80, hora de gritar por liberdade, havia uma celebração da cultura teatral, parindo depois de um regime militar e sua ditadura, época da censura e limitações da Igreja. Nasceram então vários filhos e grupos teatrais como *Manhas e Manias*, com Chico Diaz, Cláudio Baltar; *Trate-me Leão*, com Regina Casé, Luiz Fernando Guimarães, Evandro Mesquita; a dupla maravilhosa de Pedro Cardoso e o saudoso Felipe Pinheiro; o *Pessoal do Despertar*, com Miguel Falabella, Maria Padilha, Paulo Reis, Ricardo Petraglia, Fábio Junqueira; os *Dzi Croquettes*, com Lennie Dale, Cláudio Tovar, Cyro Barcelos, Cláudio Gaya; o grupo do Naum Alves de Souza, Marieta Severo, Pedro Paulo Rangel, Analu Prestes, Carlos Gregório. O Circo Voador, com o começo do rock nacional, Lobão, *Barão Vermelho*, *Paralamas do Sucesso*, *Noites Cariocas*, de Nelson Motta. Antonio Calmon fez os filmes *Menino do Rio* e *Garota Dourada*; *Bete Balanço*, de Lael Rodrigues, com Debora Bloch, que era o sonho de consumo, o desejo de toda a nossa geração. Nós éramos jovens, felizes e sabíamos disso.

55

Depois de *Capitães da Areia*, muitos de nós voltamos para o Tablado. Recomeçamos a fazer aulas, mas já com outra postura. Não que tenhamos



Em Os Doze Trabalhos de Hércules

ficado bestas, não é isso mesmo. Mas sabíamos que já tínhamos direito de arena, já havíamos caminhado, não éramos tão verdes assim. Nas turmas novas do Damião começaram a aparecer aqueles que eram fãs de *Capitães da Areia*, uma integração linda. Malu Mader, Marcelo Novaes, Leandro Néri, Paula Burlamaqui, Paula Lavine, Kike Diaz, Drica Moraes, Cláudia Mauro, Eduardo Galvão, entre tantos outros, foram desta segunda leva. E dessa amálgama jovem surgiu *Os Doze Trabalhos de Hércules*, mais um trabalho de Damião, espetáculo de final de ano do Tablado, em 1983. Entre esses dois espetáculos, fiz com Alexandre Frota uma peça chama *Maldita Parentela*, de França Júnior, uma comédia rasgadíssima, em que fazíamos duas menininhas de meia soquete, sainha, maria chiquinha, uma coisa absolutamente hilariante e *albarde*, termo que usávamos na época para traduzir medonho.

57

Os Doze Trabalhos de Hércules foi também um enorme sucesso, talvez ainda na carona de *Capitães da Areia*. Eu era o Centauro; Frota fazia Hércules; Henrique Diaz era Pedrinho; Felipe Martins, o Visconde de Sabugosa; Ana Cotrim, Emília e Drica Moraes, a Narizinho. A partir daí, muitos diretores de televisão começaram a aparecer para nos ver em cena, os convites começaram a surgir. Para mim, confesso, a televisão era

ainda algo distante. Tinha certeza de que a TV ia entrar na minha vida em consequência do meu trabalho no teatro. Eu tinha tanto prazer em estar no palco, gostava tanto de ensaiar, sabia que em cada apresentação estava aprendendo mais um pouco, que, depois que amadurecesse, as oportunidades iriam aparecer tanto na televisão quanto no cinema. Eu não tinha pressa, estava me deliciando cotidianamente com a carpintaria do ofício, com a poeira do palco, com as inúmeras possibilidades que o teatro me dava. Em 1984, fiz de novo *Nossa Cidade*, desta vez ao lado de Drica Moraes, protagonizando a sua primeira peça adulta no Tablado.

58

É claro que havia em todos nós a ambição de que um dia a TV acontecesse. Os jovens começavam a brilhar na TV: Lauro Corona, Glória Pires, Lídia Brondi, Kadu Moliterno, André de Biase, Fábio Jr., Jorge Fernando, Lucélia Santos, Denise Bandeira, as nossas meninas Fernandinha Torres e Andréa Beltrão. Estávamos vendo nosso grupo conquistar espaço e de uma forma séria, ninguém estava lá só para aparecer, aliás nem existia na época a profissão de fofoqueiro. Hoje não há um canal que não exista um fofoqueiro de plantão falando da vida dos artistas. Mas isso é assunto para lá adiante.

Um dia a TV chegou na minha vida. E ficou.

O TABLADO
apresenta

NOSSA CIDADE

de
THORTON WILDER



Av. Lineu de Paula Machado, 795 - J. Botânico



Em Nossa Cidade

Capítulo V

A Transição

Eu sabia uma coisa: queria fazer televisão para levar mais gente para me ver no teatro. A TV realmente ajudava a popularizar o teatro e essa era uma meta. Além disso, seria a possibilidade de ganhar em dois lugares, o que me possibilitaria ter mais dinheiro sobrando, comprar algumas roupinhas, ter finalmente um lugar para morar, viajar, um carro talvez, enfim fazer coisas que não me eram permitidas até então. Os tempos eram muito diferentes, a gente não ambicionava muito. Hoje vejo a garotada que acabou de entrar em *Malhação* falando de investimentos, de comprar apartamento, nós éramos bem mais ingênuos, não estávamos preparados para virar pessoa jurídica, vivíamos em uma efervescência tão grande que dinheiro passava pouco pela nossa cabeça e nossos sonhos eram bem modestos. Não pensávamos em ganhar muita grana, e o que entrava era tudo de bom!

61

Nem tudo saiu bem como eu esperava, a televisão acabou me afastando do teatro. Depois de dois sucessos incontestáveis, Damião resolveu adaptar e montar *O Guarani*, texto de José de Alencar. No elenco, estavam também Dedina Bernadelli, Luís



Em cena com João Uchoa e Felipe Camargo, em O Guarani

Carlos Tourinho, Ovídio Abreu, Thereza Piffer, Felipe Camargo, Marcelo Novaes, Eduardo Galvão, só para citar alguns. Era uma megaprodução, que foi bem elogiada pela crítica. Nessa época ficávamos até de manhã no Baixo Leblon esperando a crítica sair. E tudo que a gente queria era pelo menos ser citado. *Maurício Mattar é um Peri com cuidados corporais e vocais dignos de registro.* Assim escreveu Macksen Luiz sobre *O Guarani*. Ufa! Tinha sido notado. E, melhor, elogiado por outro crítico de respeito. Na mesma época fazia ainda o infantojuvenil *Verde que te Quero Ver*, de



Elenco de O Guarani

Edmundo Souto e Paulinho Tapajós, um musical ecológico dirigido por Cláudio Tovar. Fui convidado para *Roque Santeiro*, quando Paulo Ubiratan foi ver a montagem de *O Guarani*.

Na antesala do Paulo Ubiratan encontrei Fernanda Montenegro. Ela havia sido convidada para fazer a novela e ser Ministra da Cultura no Governo Sarney. Mesmo não aceitando nenhum dos dois, ela me olhou com muito carinho, me deu a maior força, como se dissesse, *vai Maurício está na sua hora*. Do meu grupo eu era o último, já estavam todos na TV. Era chegada a minha



Com os autores Edmundo Souto e Paulinho Tapajós, a cantora Beth Carvalho, o músico Ivan Lins (abraçado a seu filho, Cláudio Lins), elenco e bailarinos de Verde Que Te Quero Ver

hora. Meu personagem era João Ligeiro, o irmão de *Roque Santeiro*, vivido por José Wilker. Na versão original, censurada dez anos antes, o personagem era feito pela Cidinha Milan, um vaqueiro que engravidava e todos descobriam que era mulher. Paulo me perguntou se eu me importaria de encarar um personagem que possivelmente poderia ficar grávido. Eu ADOREI. Seria realismo fantástico, seria um homem mesmo, mas que ficava grávido. Já me vi na capa de uma grande revista de circulação nacional causando a maior polêmica com a minha barriga. Isso não aconteceu por pressões da igreja, mas foi igualmente um personagem forte. Sua morte deu 100% de Ibope, assim como Odete Roitman, feita por Beatriz Segall, em *Vale Tudo*, as únicas mortes que deram 100% na TV brasileira, segundo noticiaram as colunas na época. Houve até passeata na Von Martius, onde ficavam os estúdios da Globo pedindo para que ele não morresse, cartas chegavam aos milhares na emissora, foi uma comoção. *Demorei para entrar, mas quando entrei foi com tapete vermelho, pela porta da frente e com chave de ouro – pensava.*

65

A televisão me consumiu bastante, talvez seja um defeito meu não ser um menestrel, capaz de me desdobrar em vários. Nunca tive essa aptidão. Fazer três coisas ao mesmo tempo se



Em Roque Santeiro, a morte de João Ligeiro, 1985

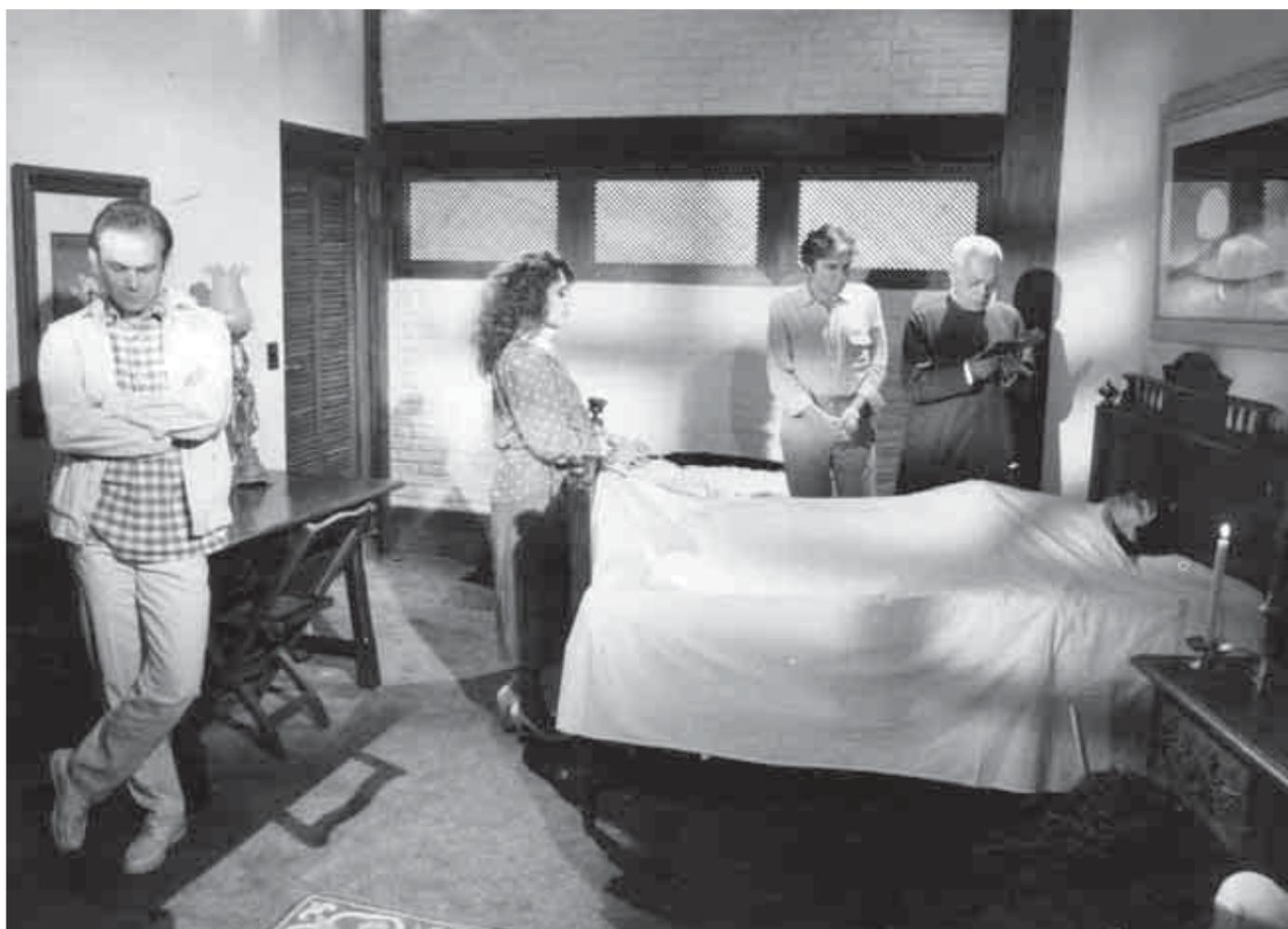
mostrou impossível para mim, vivia estressado, chegava esbaforido no teatro, depois gravava noturna em um lugar muito distante – não existia o Projac na época, a cidade cenográfica era no caminho de Angra dos Reis. Estava desagradoando a todos, às vezes o espetáculo precisava começar 20 minutos atrasados por minha causa. *Não quero isso, porque estou sofrendo muito.* Consegui terminar a temporada de *O Guarani*, no Teatro João Caetano, tive de largar *Verde que te Quero Ver*, no Teatro Municipal de Niterói, cuja montagem ia para o Canecão. Eu fiquei triste, mas precisava priorizar o que



Em Roque Santeiro, a morte de João Ligeiro, 1985

achava ser mais importante naquele momento. Precisava propagar a minha imagem. Outras vezes também aconteceram situações semelhantes, quando acabei magoando determinadas pessoas. Tovar é meu amigo até hoje, embora tenha se chateado naquele momento comigo e não posso tirar-lhe a razão, mas outras pessoas se magoaram para sempre. É duro, mas às vezes é preciso optar e isso gera uma dor rascante. A vida é assim mesmo.

Quando eu só fazia teatro, pensava, respirava, acordava e dormia em função disso. Na televisão foi a mesma coisa. Depois, foi a música que me



Em Roque Santeiro, a morte de João Ligeiro, 1985

consumiu. Ainda fiz mais algumas peças: *Blue Jeans – o Musical*, 1991, com direção de Wolf Maya, que ficou em cartaz mais de um ano no Teatro Galeria. Em 2005 estreei *O Fio Da Meada* no Teatro Vanucci, adaptação de Paulo Reis para *The Woolgatherer*, original americano de Willian Mastrosimone, com Marta Paret. Eu fazia Tonho, um caminhoneiro, papel que me interessou muito. Mas o teatro realmente ficou bissexto na minha vida. Como disse, *ah, se eu fosse menestrel*. Quando me perguntam se larguei o teatro tenho certeza que não. A gente só larga o que morre dentro da gente. Se ele permanece vivo em mim pode ser retomado a qualquer momento.



Em Roque Santeiro, a morte de João Ligeiro, 1985



Roque Santeiro

Capítulo VI

A Vida na Telinha

Sei que a beleza gera preconceito. Junto com o conceito do belo vem amarrada a idéia da burrice. Bonito e burro – a equação perfeita na cabeça das pessoas. *Que bom que ele é burro!* Como disse o poeta Luiz Melodia: *eu vivo com essa dor ou essa dor tem que morrer.* O importante é que eu saiba quem eu sou e que aproveite as oportunidades para me mostrar por inteiro. *De peito aberto* – como estou fazendo neste livro.

Não te incomoda o rótulo de galã? – acho que essa pergunta foi a que mais ouvi em toda a minha vida. Nos últimos tempos, então, ela é onipresente, tanto na imprensa brasileira, quanto em Portugal, onde vivi alguns anos. E se a gente acha hoje a imprensa brasileira agressiva, é porque não conhece a portuguesa. Ela, sim, é maldosa, venenosa. Mas acho que é hora de responder de vez essa questão. Não, não me incomoda. Sabe por quê? Porque tenho ainda muita lenha para queimar, muita coisa para acontecer na minha carreira. E mais, tem gente que luta tanto para ser galã e não consegue, que só posso ser feliz por tê-lo sido sem fazer nada para isso. Sempre fiquei embebido com o meu trabalho de ator, era

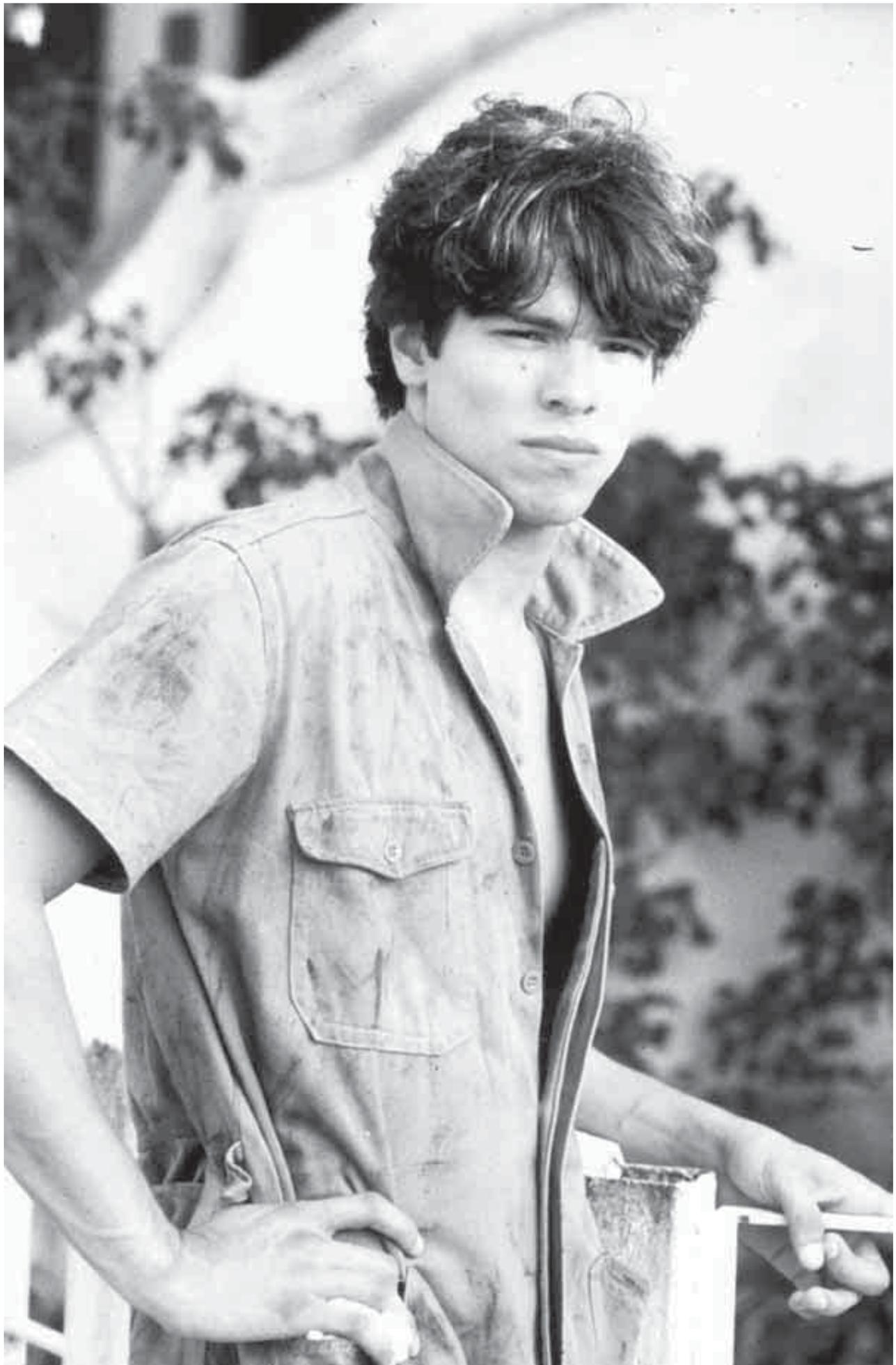
isso que me interessava e bastava – me interessa e basta, para ser mais preciso. O que viam de fora para dentro, era diferente do que eu via de dentro para fora. Sempre tive um pensamento, e depois eu fui percebendo que o público, a máquina, a mídia tinham outro. Essa é uma situação arriscada, perigosa, muito delicada, porque você corre o risco de se levar um pouco por isso, de acreditar no que os outros acreditam. O tempo todo tentei me policiar para que isso não acontecesse, para que eu não perdesse o foco. Não posso negar que algumas vezes me deixei levar um pouco, mas logo coloquei o barco no curso certo.

72

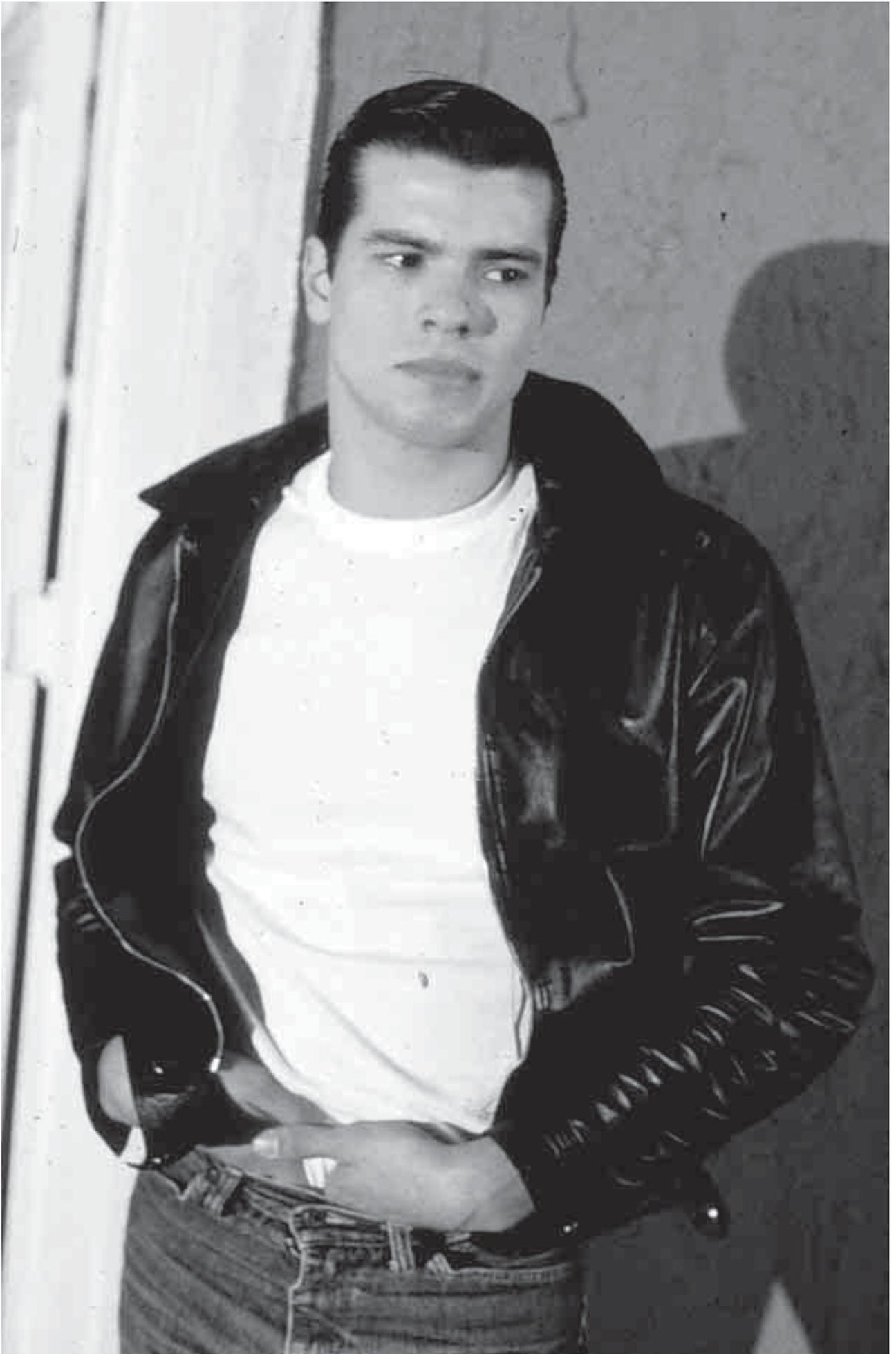
Cabe a mim, também, sempre manter a vela na direção que desejo, mudando o rumo, quando necessário. Aliás, fiz isso a minha carreira inteira na televisão. Sempre procurando fazer um personagem diferente, com um toque diverso, nem que fosse uma radicalização no corte de cabelo. Recentemente cortei o cabelo zero, coloquei dois *piercings*, deixei crescer a barba para um filme. Quebrei o Ken da Barbie. Posso ser Ken e posso não ser. Não sei se era nem consciente no começo, mas eu já quebrava a minha imagem a cada trabalho. Sempre fui um ator muito detalhista, para mim, representar é com tudo, com o corpo inteiro até o dedo mindinho, sempre me deu muito prazer buscar algo diferente, seja no olhar, seja na movimentação, seja na respiração.

Em *Roque Santeiro*, minha interpretação de João Ligeiro era bem dura, ele falava monocórdio, o olhar estava sempre fechado, uma linha meio Charles Bronson. Em *Cambalacho*, de Sílvio de Abreu eu era Portos Trancoso. Éramos três irmãos – eu, Paulo César Grande e Flávio Galvão – sobrinhos do Tio Bijú, interpretado pelo grande Emiliano Queiroz. Portos era meio abobado, usava uma franjinha, eu experimentei um sotaque paulista, era uma coisa bem caricata, que me divertiu muito e fez bastante sucesso.

O cinema sempre foi minha grande referência, o que me fez ser ator. A cada personagem eu busquei uma inspiração no que havia visto nas telas. Em *Bambolê*, meu personagem Murilo ia em uma linha Marlon Brando em *O Selvagem da Motocicleta*. A novela falava dos anos 60, e como sempre fui alimentado por tentar, procurei fazer de alguma maneira diferente. São os detalhes que fazem um personagem. Tenho uma cena ícone na minha cabeça quando penso nesse tipo de sutileza: Robert de Niro e Meryl Streep em *Amor à Primeira Vista*. Os dois estão conversando no trem, ele está fumando um cigarro, ora ele solta a fumaça pelo nariz, ora solta pela boca; ora solta para um lado, ora para outro. Pode parecer uma bobagem, mas não é, são esses detalhes que fazem o diferencial de um ator. Com um simples gesto mecânico ele



Cambalacho



Bambolê

marca a tensão de seus sentimentos na cena. E no próximo filme em que fumava, com certeza Robert fez diferente. É sutil? Claro que é. Mas há quem repare como eu. Até hoje percebo em meus colegas o que eles estão fazendo diferente do trabalho que acabaram de fazer, ou que já fizeram. Mesmo os grandes – Fernanda Montenegro, Marília Pêra, José Wilker, Antonio Fagundes – correm o risco de se repetir. Assim como Caetano e Chico podem cair na armadilha de repetir harmonias. E me encanto cada vez que vejo as sutilezas com que eles definem essas diferenças. É isso que busco sempre e espero que alguém tenha reparado.

- 76 Em *Bambolê* levei o meu primeiro tapa da televisão. E foi absolutamente inesquecível. Meu pai na novela era Herval Rossano – a mãe, Suzana Vieira. Herval me perguntou: *Maurício, você quer tomar um tapa de verdade, ou vamos fazer algo combinado aqui, uma coreografia de um tapa, aí você tem que fazer assim com a cabeça.* Eu, que vinha do teatro, preferia a coisa bem realista. *Vamos de tapa mesmo.* Aí o Herval me explicou que existia uma técnica, que eu devia fechar bem a boca, trincar os dentes, porque assim não corria risco de quebrar algum ou de destronar o maxilar. Eu ouvi tudo com atenção de discípulo e tentei fazer exatamente isso, o que não era fácil, porque precisava falar, mas, ao mesmo tempo, trincar os dentes na

hora do tapa. Fiz tudo direitinho. E o Herval deu o tapa. Foi uma bofetada inesquecível, o Herval sentou a mão na minha cara com toda a força possível, meu rosto quase virou completamente para trás, eu sentia tudo zunindo. Ele não ficou nem um pouco preocupado, só me disse: *a cena foi ótima*. Até hoje dou para jovens atores a dica preciosa de trincar os dentes, mas jamais dei uma bofetada em cena tão forte quando a que levei.

Em *O Salvador da Pátria* fazia um garotão que vivia nas costas do pai, vivido por Francisco Cuoco. Ele era meio ameoba, parasita, acomodado com



O Salvador da Pátria

a riqueza do pai, que queria muito ver o filho seguindo a sua carreira de político. Eu que não fumava, vivia com um copo de uísque na mão e um cigarro na outra. Esse definitivamente foi um personagem que não descobri até hoje. Porque existem três processos, um que você descobre o personagem na primeira leitura e ele se torna imediatamente familiar. Outro que você descobre no meio da novela, por exemplo, com a ajuda da opinião pública. Você cria de um jeito e vai *shapeando* com a resposta do público. E o terceiro e mais terrível é quando você não descobre nunca. Aconteceu comigo poucas vezes. Uma delas foi em *O Salvador da Pátria*, sem dúvida. Estava em um momento pessoal muito difícil, havia acabado de me separar e com a experiência de ter um filho, e isso me arrasou completamente. Estava uma catástrofe emocionalmente falando. Trocava o dia pela noite, não conseguia me concentrar e isso influenciou decididamente todo o meu trabalho. Eu não estava dentro de mim, como poderia estar dentro de outra pessoa? Para quem estava assistindo, nada disso pode ter passado, mas para mim, tantos anos depois, ainda incomoda, porque me dedico muito ao meu trabalho. Poderia ter feito mais sucesso? Poderia. Poderia ter feito muito menos sucesso? Também poderia. O que sei é que poderia ter feito melhor com certeza.



Trocando a fralda do primeiro filho, Luã

Rainha da Sucata foi um marco na minha carreira. Eu já era um ator razoavelmente conhecido, as pessoas já me chamavam pelo meu nome e não pelo dos personagens, ou seja, não perdia mais a minha identidade a cada novela que fazia. Queria, porém, dar um salto maior como ator, me estabelecer mais. Jayme Monjardim, que havia dirigido *Roque Santeiro*, estava na Manchete e me convidou para fazer *Pantanal*. Meu contrato com a Globo estava acabando e fiquei no maior dilema: *arrisco a segurança de estar na emissora líder, onde já consegui um lu-*



Rainha da Sucata, com *Lolita Rodrigues*



Rainha da Sucata, com *Patrícia Pillar*



Rainha da Sucata

gar, ou me joga nesta aventura em uma estação nova, sem tradição de novelas? Neste momento, Jorge Fernando me convidou para fazer *Rainha da Sucata*. Renovei com a Globo e fiquei mais sério ainda na minha postura de ator, quis fazer o personagem como se fosse a última coca-cola do deserto. Decidi botar para quebrar.

Em *Rainha da Sucata* havia algo mais a meu favor, além do meu desejo de fazer bem. Meu personagem era piloto de provas e paraquedista e o esporte sempre foi muito importante na minha vida. Já era piloto profissional de asa delta na vida real. *Como vou fazer o personagem? Com a*

mesma cara de antes? Quando estava pensando sobre isso, vi uma foto do Steven Spielberg, de boné e óculos escuros e gostei. Peguei um boné da fábrica de turbinas Bombardier, cujo símbolo era uma águia, um casaco de couro, cheio de bolachas, como o de Tom Cruise em *Top Gun*, uma bota colorida de parapente, coloquei o jeans para dentro da bota. Marília Carneiro que era a figurinista da novela, maravilhosa, brincava: *vamos ganhar prêmio*. Deixei a barba crescer, o cabelo crescer e coloquei um óculos *Ray-Ban*. Deu tudo certo! Nessa novela achei o personagem, sua figura, seu jeito, tudo, principalmente a sua alma. Meu personagem tinha um romance com Patrícia Pillar, mas depois o amor era impedido porque todos pensavam que eles eram irmãos, para depois este problema desaparecer. Novelão mesmo de Sílvio de Abreu! Grande Sílvio de Abreu! Depois de *Rainha da Sucata* mudei de patamar: o salário aumentou, aumentaram as ofertas de trabalhos paralelos, comecei a ter outra projeção popular. Eu queria subir, é claro, mas acho que *Rainha da Sucata* me projetou mais alto do que pensava.

Não nego que comecei a ter o gosto de realmente ganhar dinheiro. Naquele momento abriu-se a oportunidade de conhecer um mundo que desejava. Comecei realmente a colher

frutos da minha profissão. Minha mãe podia ter quantos liquidificadores desejasse! Quando subi um andar – acho que dois – na minha profissão, as oportunidades se expandiram muito. Antes eu só fazia baile de debutantes e me sentia vestido de pinguim. Uma vez tive que dançar com 70 meninas, fazer foto com cada uma delas, assinar o albunzinho delas, falar com as primas, tias, mães, lidar com egos e vaidades dos pais em geral. Quando chegou ao final, estava com um febrão de tanta exaustão. Sabia que era um rito de passagem, eu tinha de passar por aquilo até o dia em que poderia dizer: *chega, não faço mais*. Depois de *Rainha da Sucata*, quando a publicidade começou a aparecer fortemente na minha vida, pude abandonar o que não me dava prazer. Ganhar dinheiro é ótimo.

83

No mesmo ano, fiz *Lua Cheia de Amor*, a convite de Roberto Talma. Meu personagem era um rapaz rico que se apaixona por uma menina pobre, Isabela Garcia que mora em uma vila com a mãe, Marília Pêra. Ele finge ser pobre para se aproximar mais dela, compra um táxi, vai morar na vila e fica por ali buscando conquistar o seu amor. Para mim foi uma delícia fazer essa história, porque pude saborear um lado meu muito forte. Eu seria capaz de fazer a mesma coisa





Dançando Lambada com Patrícia Pillar, em Rainha da Sucata

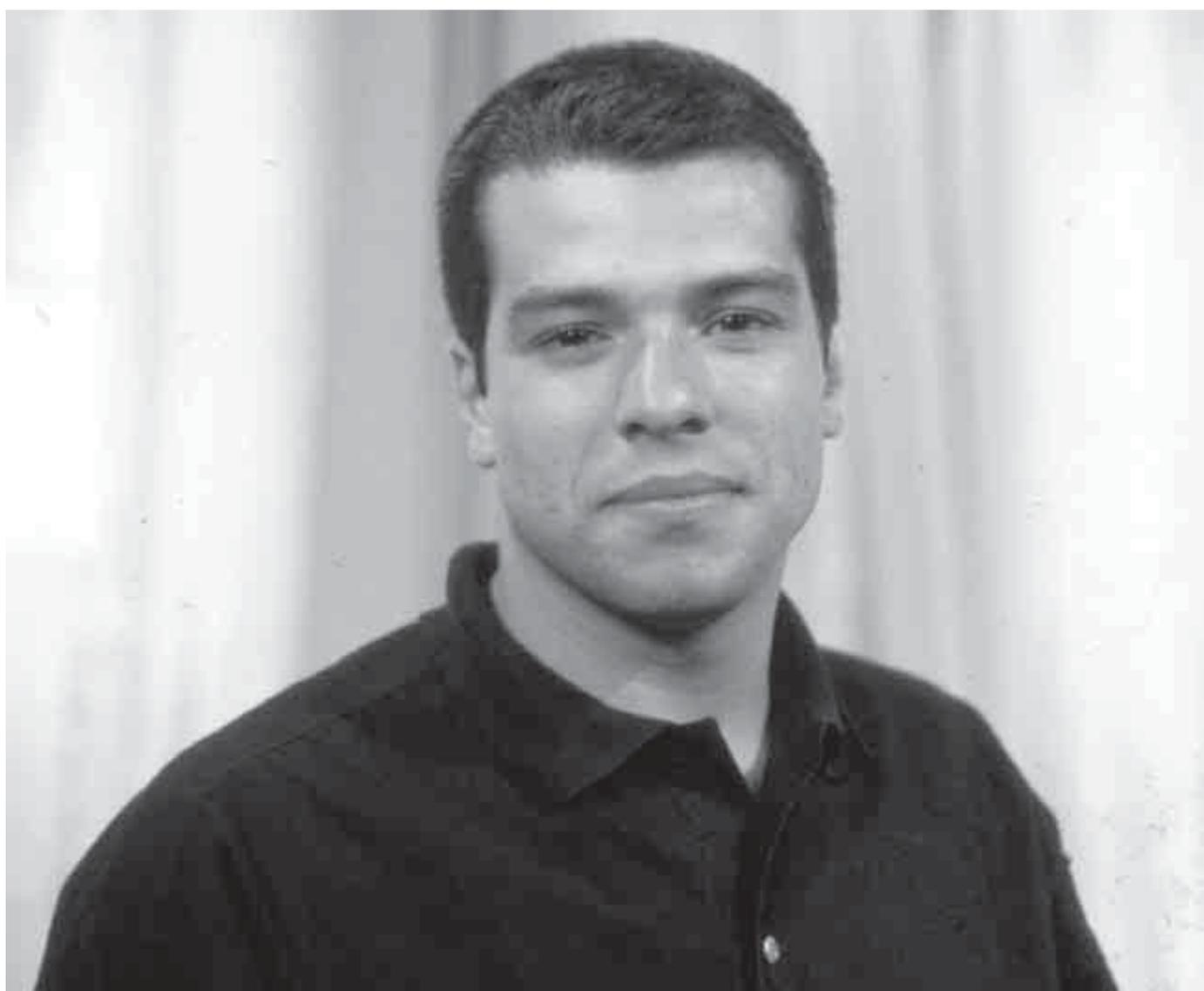


Lua Cheia de Amor, com Isabela Garcia



por paixão. E aprendi muito também, quando a personagem da Isabela se revolta porque ele mentiu para ela. Nunca havia pensado sob o ponto de vista dela. Comecei a pensar se faria mesmo uma loucura agora entendendo o ponto de vista do outro. *Lua Cheia de Amor* me fez pensar muito sobre meus próprios valores. Além disso, para mim foi uma honra e prazer contracenar com Marília Pêra, esta diva do teatro. Eu já gostava dela, admirava seu trabalho mas estando perto pude ficar fascinado pela sua sensibilidade, pela sua delicadeza de interpretação, pela maneira como fala baixo na hora de ensaiar e vira uma águia na hora do *gravando*. Existem muitas atrizes maravilhosas: Fernanda Montenegro, Irene Ravache, mas Marília para mim é *hors concours*. E se não bastasse tudo isso, *Lua Cheia de Amor* me proporcionou a oportunidade de viajar para fora do Brasil, porque o encerramento dela foi na Espanha – Madri, Sevilha e Granada. Eu chorei uma vez de emoção em Madri. Comprei um *walkman*, coloquei uma fita de Paco de Lucia, fiquei vendo com lágrimas nos olhos Madri escurecer às 22 horas e adolescentes numa praça e suas descobertas juvenis. É maravilhoso fazer um trabalho que te possibilita entrar em contato com novos lugares, novas culturas. *Lua Cheia de Amor* foi um leque de delícias.

A novela fez bastante sucesso. Eu criei um tipo especial, raspei a cabeça com máquina dois, coloquei lentes de contato verdes e a Soninha Soares criou um figurino bem bacana, usava uma camisa com gola padre e um colete. Pouco a pouco fui vendo na rua a garotada do Rio de Janeiro com o visual do personagem. A galera de *jiu-jitsu*, por exemplo, começou a raspar a cabeça, virou moda essa imagem na época. Esse *feed back* é muito gostoso, saber que você está mexendo com a cabeça das pessoas é muito gratificante.



Lua Cheia de Amor

Dizem que na Globo você precisa ter uma turma, pertencer a um grupo ligado a um diretor. Eu nunca tive uma turma, sempre fui de todas as tribos. Aprendi a gostar de Jorge Fernando desde que ele era ator; Wolf Maya sempre foi um amigão, uma pessoa bem próxima na minha carreira; Talma é um paizão de todas as horas, sempre, até hoje nos encontramos e batemos grandes papos; trabalhei com Denise Saraceni e com Marcos Paulo, nunca fiz nada somente com Dennis Carvalho – o que adoraria. Paulo Ubiratan foi quem primeiro me contratou e depois me cha-



Pedra Sobre Pedra, com Adriana Esteves

mou novamente para um grande sucesso, *Pedra Sobre Pedra*. Foi uma novela vitoriosa em que alcei o posto de protagonista mesmo, mais um degrau na minha carreira. Se *Rainha da Sucata* me fez subir dois andares, com *Pedra Sobre Pedra* cheguei na cobertura. Além da experiência do imenso sucesso, o que é muito confortante, Lima Duarte fazia meu pai, Renata Sorrah, Adriana Esteves, meu par em um romance meio Romeu e Julieta. Uma das minhas maiores alegrias foi poder compartilhar momentos com Armando Bógus em seu último trabalho em novela. Foi muito duro vivenciar a sua morte, o luto foi doloroso, mas me sinto feliz por ter estado ao lado dele nessa última caminhada. Aprendi muito com essa convivência e com a dor que sentimos ao perdê-lo.

91

Como às vezes o barco toma rumos inesperados, os ventos sopram mais para um lado, foi na época de *Pedra Sobre Pedra* que a música começou a entrar mais fortemente na minha vida, o que me fez, não abandonar porque não era mais possível, mas arrefecer a minha participação na televisão. A música foi tomando conta de mim de uma maneira avassaladora.



Pedra Sobre Pedra, com Lima Duarte e Eva Wilma



Pedra Sobre Pedra

Capítulo VII

Notas Musicais

Sempre tive um trabalho como compositor. Ele foi um resultado de toda a minha convivência com a literatura, poesia, filosofia e da necessidade de colocar para fora tudo o que pensava e sentia. Minhas amizades também eram da música: Caetano Veloso, Geraldo Azevedo, Nana Caymmi, Tim Maia, Gonzaguinha, Djavan, Elba Ramalho, com que estivera casado, mãe do meu filho Luã. Em determinada época me aproximei muito de Jorge Vercilo e fui eu quem o levou para esse mundo que já conhecia bem. Nelsinho Motta sempre esteve perto da minha vida. Enfim passei muito tempo bastante envolvido com compositores, músicos, arranjadores, indo a estúdios, dando força para os amigos nas gravações. Por outro lado, ia compondo as minhas músicas, fazendo letras, sem pensar em me profissionalizar, em seguir este outro caminho.

93

Todos esses meus amigos, de uma forma ou de outra, insistiam que eu devia gravar. Caetano, então, foi incisivo: *pense bem, você tem um trabalho como compositor que ninguém conhece. Amanhã ou depois acontece uma fatalidade e nada disso foi registrado. Grava um disco.* Deixei

de lado a idéia de compor para outros gravarem e decidi fazer meu primeiro disco, um elepê com duas faixas: *No Fundo do Poço*, de Jorge Vercilo, e *Tiê*, uma canção minha com Edinho Queiroz, um compositor de Natal, com produção musical do maestro José Américo Bastos. Grande maestro!

Nessa época aconteceu o primeiro *Criança Esperança*, com direção de Jorge Fernando e eu me apresentei cantando. Foi uma entrada bacaníssima, que chamou muita atenção. Eu adorei cantar no palco e percebi que estava muito a fim de colocar para fora toda a minha catarse emocional. O resultado foi avassalador. A Sony Music já sabia do meu trabalho, porque Djavan e Roberto Talma haviam falado com Roberto Augusto – que era presidente na época – sobre o meu lado compositor/cantor. Roberto pediu que eu participasse da convenção mundial da Sony em um hotel no Rio. Fui lá com meu violão, cantei duas músicas bem ao meu estilo: um trabalho que tem raiz na MPB, com letras ligadas à filosofia, metafóricas. Saí de lá contratado.

Pura ingenuidade. Achava que ia fazer o meu trabalho. Em cinco dias tive que começar a fazer um disco absolutamente voltado para o mercado *pop* romântico e pouco a pouco vi que não tinha mais direito nem mesmo de fazer composições como queria. No primeiro disco,

com a sensibilidade do diretor artístico Jorge Davidson, ainda tive certa liberdade, consegui colocar músicas minhas com Geraldo Azevedo, Fábio Jr. e Cláudio Zoli. Depois disso prevaleceu a visão da gravadora, com a divisão dos selos Epic e Columbia, definitivamente algo mais romântico. Na verdade todas as gravadoras no Brasil há anos buscam um sucessor do Roberto Carlos, é isso que elas querem. E era isso que eles queriam de mim. Tive que viver com esse conflito, Roberto Carlos é ariano, ímpar e maravilhoso. Nunca reneguei a música romântica, nunca fui mentiroso a esse ponto, mas não gostava da forma que ela era apresentada, um som meio pasteurizado. Grandioso, mas computadorizado. Pasta mesmo, como se diz.

95

Todos os discos fizeram muito sucesso, colocavam muita grana, gravações de *clips* do exterior, divulgadores de rádio e TV por todo o País, não havia crise de pirataria, nem Internet inundando tudo. Fiz quatro discos em cinco anos na Sony Music e todos foram disco de ouro, o que na época significava vender mais de 100 mil cópias.

Meu público foi aumentando, meus *shows* viraram megaproduções que envolviam toneladas de cenários, luz, figurinos e som. Comecei a me apresentar para milhares de pessoas, na minha equipe trabalhavam 23 pessoas na produção, 11

músicos no palco, meu empresário era o Franco, também de Zezé de Camargo e Luciano, e apostava todas as fichas no meu trabalho bancando tudo e tendo retorno. Sabe quem eram as minhas vocalistas? Fiz teste e peguei duas meninas maravilhosas, Célia e Daisy Cipriano, que viraram depois o grupo o Fat Family. Olha que luxo!

Em 1995 me mudei para São Paulo, onde fiquei até 1999. Fazia turnê pelo Brasil inteiro, feiras agropecuárias, exposições, festas de peão, reunia às vezes 100 mil pessoas dependendo do lugar. *Festa da Uva, Festa do Vinho*, festa de não sei mais o quê. Na época não existia DVD, mas fiz um *homevideo*, que foi o segundo do mercado – primeiro foi do Lulu Santos. Foi gravado no Olympia em São Paulo, com a participação do grande violonista Paulinho Nogueira, Zezé de Camargo e Luciano, Alexandre Pires, Paulinho Moska, Zé Rodrix e Toquinho, o que me fez voltar às minhas origens, minha ligação com meu berço musical.

Fui escasseando a minhas aparições na televisão. Fiz algumas novelas ainda, um seriado e até uma novela na Record, mas tudo combinado com Boni. Ele permitiu que eu desse um tempo para me dedicar à música, porque ele sabia que, quanto mais sucesso eu fizesse como cantor/compositor, mais coisas agregaria ao meu trabalho na televisão. Fiz algumas burradas,

reconheço, nesta época. A maior delas foi falar mal da minha arte, da minha profissão de ator, dizendo que a música era melhor para mim como carreira. Disse várias besteiras, tais como: *sendo cantor posso mexer com as emoções verdadeiras do Maurício Mattar Kirk de Souza, não preciso ficar escondido atrás de um personagem. Ou: quando algo dá errado na TV a culpa é de todos, no show não, sou eu que estou na frente.* Baboseiras, criancices, deslumbramento. Esse tipo de discurso machucou muita gente e isso talvez tenha me afastado de pessoas que gostavam realmente de mim.

Levei um tempo para retomar muitas relações. Algumas, jamais retomei. Glória Perez, por exemplo, uma pessoa que admiro, que sempre gostei, e com quem tinha uma amizade. Quando estava no auge do turbilhão de *shows* ela me convidou para ser o cigano Igor em *Explode Coração*. Ela me ligou pedindo que eu aceitasse, porque havia escrito o personagem para mim; Boni depois ligou para minha casa: *Nosso trato continua de pé, é que você está sendo solicitado, todo mundo quer trabalhar com você.* Para os dois expliquei que não podia jogar tudo para o alto no momento, porque havia muitas pessoas envolvidas, muitos shows e muito dinheiro já pago na frente com contratos assinados e

cláusulas de muitas altíssimas. Lamentei muito. Talvez não tenha sabido lidar bem com a situação no momento, depois o tempo foi passando e não deu mais para retomar a minha ligação com Glória. Recentemente quando ia começar *Caminho das Índias* mandei alguns recados para ela, porque queria muito fazer a novela, especialmente porque sou ligado ao budismo, conheço muitos lugares na Índia, e sou bastante envolvido com a cultura indiana, mas nada rolou. Foi quando realmente constatei que eu havia criado uma barreira para mim naquela época. O tempo poderá amenizar, creio que tudo pode ser modificado no futuro, o que a gente não pode mesmo é voltar para trás e mudar o passado.

98

Quando fui fazer meu quarto disco na Sony bati o martelo: *quero fazer um disco de música romântica como imagino e sempre quis. Se não for assim, não faço nada, porque não gosto do que estou fazendo e vocês também não estão tendo o que querem.* Fiz um disco fantástico com produção de Sandro Haick: Dominginhos, Elba, Paulinho Moska, Alexandre Pires participaram. Era um romântico internacional com som de gringo mesmo. O que aconteceu? Foi para a geladeira, impediram meu caminhar. Não podiam correr o risco do sucesso do disco feito por mim ser maior, do meu jeito.

Gravei um quinto disco com um selo holandês, o mesmo do James Brown, Tom Jones e Sepultura no exterior, ainda na linha romântico pop pasteurizado. E aí resolvi partir para um disco completamente pessoal; meu sexto que se chama *O Meu Primeiro Disco*, com produção de Célia Vaz. Chamei pessoas que amo para estarem ao meu lado: Milton Nascimento, Caetano Veloso, Toquinho, Luiz Melodia, Jane Duboc, Moreno Velloso, Geraldo Azevedo e Jorge Vercilo. Gravei só composições minhas, e três regravações de Tom Jobim, Lupíscinio Rodrigues e Djavan e fiz o trabalho que sempre quis fazer, um disco para lavar a minha alma, para dar para os meus amigos, e foi para o mercado, mas sem me preocupar com vendagem. Meu trabalho seguinte foi *O Meu Segundo Disco*, produção de Paulo Calasans, que vendi para a Som Livre em Portugal, o que abriu meus horizontes para novos mercados, pois foi lançado na Europa e nos países africanos. Morei uns anos em Portugal em função dos compromissos que tinha por lá. Em 2007 lancei *Diamantes*, oitavo da minha carreira, pela Som Livre do Brasil.

99

As pessoas me perguntam: por que você não lança mais discos? Estou lançando, só que com mais qualidade. Na verdade estou trabalhando de uma maneira mais tranqüila, sem a velocidade

absurda que o mercado exige. Acho que estou chegando a uma idade que estou começando a ficar acima do bem e do mal. Posso não vender avassaladoramente, mas sei que tem muita gente que gosta do meu trabalho. Uma das minhas músicas pode virar do dia para a noite uma grande coqueluche? Claro que pode! Mas essa não é mais a minha preocupação. Quero fazer discos que as pessoas que conhecem e gostam de música boa possam apreciar. É isso que me deixa tranquilo hoje em dia.

O barco segue seu rumo. Em mar de almirante....

Capítulo VIII

Ainda e Sempre a TV

Estava começando a minha carreira na música, quando fui chamado para fazer *O Mapa da Mina*, a última novela do Cassiano Gabus Mendes. A novela não esta estava indo bem e Paulo Ubiratan me convidou para entrar no meio da produção, junto com Fernanda Montenegro, numa tentativa de alavancar a audiência. Nossa, que honra a minha não é mesmo? Eu e Fernanda. Fernanda entrou na ala pobre da novela e eu fazia um mafioso árabe, Bakur Sharif. Sempre na minha tentativa de encontrar algo diferente, e mais uma vez buscando o cinema como inspiração, tentei fazer uma coisa meio Marlon Brando em *O Poderoso Chefão*, um trabalho especial de voz. Fiz umas oito cenas e Boni pediu para regravar tudo, porque eu estava fazendo um trabalho muito de ator, de composição, e eles queriam algo mais padrão, para levantar o Ibope mesmo. Luís Gustavo me falou algo, que me deixou muito orgulhoso: *Que coisa absurda, você estava fazendo uma figura ótima, estava arriscando um negócio maravilhoso.* Fernanda também me deu a maior força. Tudo isso massageou o meu ego. Mas tive de ceder, é claro, e fazer o que se esperava, uma imagem que vendia a novela, as revistas, os comerciais. Fiquei



O Mapa da Mina

triste? Claro, um pouco. Ao mesmo tempo sempre soube que a TV é uma grande máquina e estamos ali para vender, fazer o que em que ser feito.

Em 1994 fiz *A Viagem*, última novela de Ivani Ribeiro. Foi uma novela muito marcante para mim porque falava sobre espiritismo. Eu era Téo, casado com Christiane Torloni, que fazia Dina. Alexandre, interpretado por Guilherme Fontes, era o irmão de Dina que morria, mas se manifestava através de mim. Eu *recebia* Alexandre. Foi um personagem com uma profunda carga dramática e com um peso espiritual muito grande.



A Viagem, com Christiane Torloni e Viviane Ribeiro



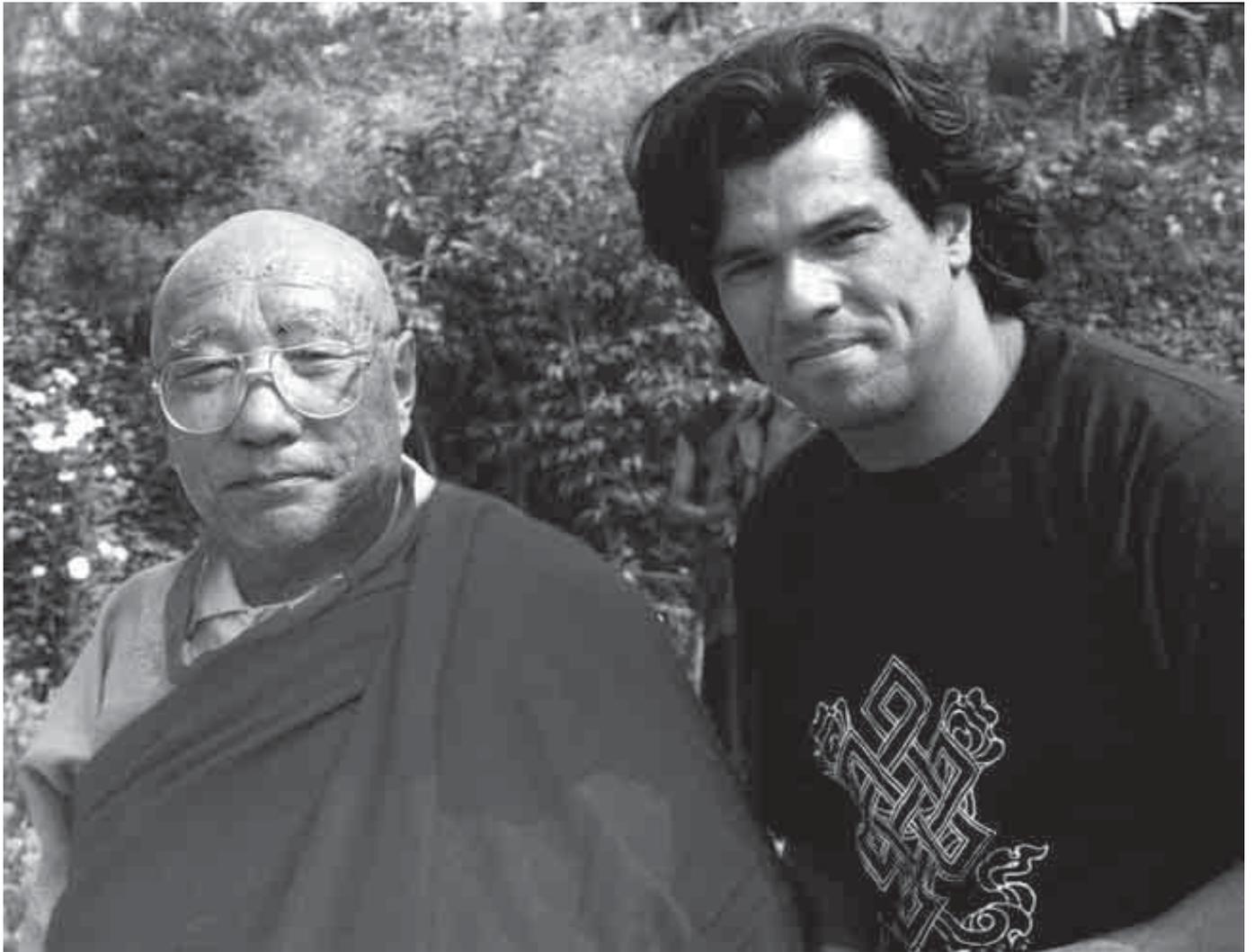
A Viagem, com Guilherme Fontes

Eu precisava estar realmente inteiro para poder fazer bem.

Como contei sempre tive relação com o espiritismo, por causa do meu pai. Claro que jamais tive uma compreensão completa, mas convivi com os homens de terno, médiuns que recebiam os espíritos e usei tudo isso no personagem. Criei um bordão sem querer, ao fazer um som cada vez que o espírito ia tomando conta do meu corpo, e ainda um gestual especial de bater na cabeça. Até hoje na rua as pessoas me pedem para fazer isso. Acho que depois de João Ligeiro, Téo é o personagem mais presente no imaginário das pessoas.

105

Para mim, pessoalmente foi uma *viagem* poder reencontrar os preceitos do espiritismo. Tenho uma curiosidade muito grande pelas religiões. Fui batizado, fiz primeira comunhão, estudei em colégios de padres, mas nunca tive uma relação confortável, jamais foi saboroso. Entro na igreja, mas não entendo o que o padre fala, quero algo mais do que sentar na hora de sentar, ajoelhar na hora de ajoelhar, rezar na hora de rezar. Em uma missa me sinto meio levado por uma tradição cheia de subterfúgios. Não vou a uma missa e me sinto mais leve, gosto mais de algo que promova uma transformação no momento. As religiões africanas também não mexem co-



No Nepal, com monge budista

migo, não me dão respostas. Como o carnaval, elas são contagiantes, mas não me modificam. Os orixás são muito complicados para a minha cabeça. O espiritismo fez parte da minha vida e tem uma ligação mais real com que acredito – a reencarnação, a vida além da morte, tendo a crer mais nisso. Minha curiosidade maior, porém, de um bom tempo para cá, é sempre ligada mais às filosofias orientais. Se vou a um templo Hare Khishna ou a um culto hinduísta aquelas músicas, aquelas danças mexem comigo e diversas passagens realçam aspectos do meu cotidiano, as metáforas são muito próximas do que vivo e saio de lá modificado. E no budismo encontrei muitas respostas. Pratico *yoga* e meditação devocional com base no budismo tibetano. Meus grandes companheiros de conversas sobre tudo isso são o mestre Gabriel, com quem viajei para a Índia, e Leonardo Boff, que mora em Araras e vou sempre que posso lá.

107

Quando me perguntam se sou budista – e está na moda o ser – minha resposta é sempre a mesma. *Eu admiro o budismo. Sou praticante e estudioso da sua filosofia.* Qual é a diferença? Digamos que sou mais um pesquisador, que gosta de mergulhar na filosofia budista, compreender mais o *Dharma*, entender os mantras, mas não vou ausentar-me da minha vida, da minha família, da minha profissão, do meu país e da sociedade



Em evento budista, realizado em São Paulo

para virar um monge budista. Richard Gere uma vez disse a Dalai Lama que queria ser monge. Dalai respondeu que o budismo ganhava muito mais com ele praticando o budismo do que sendo monge. Não quero me comparar com Richard Gere, mas achei bacana essa premissa de beneficiar uma série de pessoas no mundo inteiro do que somente a si próprio. Também nunca pensei em ser monge, quero continuar envolvido nessa atmosfera budista, conhecendo cada vez mais, lendo sempre, viajando para a Índia novamente, estando com pessoas com essa mesma vibração, porque é muito bom, rico e me faz muito bem.



Quando medito tento esvaziar completamente a minha mente. Posso ficar 20 minutos como somente 20 segundos. Se conseguir nestes poucos segundos não pensar em nada, já me serviu, me fez dar um tempo comigo mesmo. Quando acabo de meditar sinto o efeito imediato: descanso minhas células, abaixo meus batimentos cardíacos, limpo a minha mente, paro de pensar nos problemas. Isso nenhuma outra religião me dá.

Nossa, por que *caminhos* foi a minha cabeça? Tudo por causa da novela da Ivani. Não disse que ela era poderosa?

110

Estava falando ainda de televisão. Vira vela, vira! Eu já estava morando em São Paulo, em 1996, quando Paulinho Ubiratan me convidou mais uma vez para fazer um trabalho. A novela, com apenas 35 capítulos, de Dias Gomes, *O Fim do Mundo*. Escrita para ser uma minissérie, entrou no horário nobre, quando uma das produções não ficou pronta a tempo. Uma novela das oito de 35 capítulos, algo completamente inédito. Eu estava na roda viva da música, com a agenda lotada, mas topei. Aliás, tinha uma música minha na trilha da novela. Eu fazia um peão da fazenda, que era músico e que se apaixonava pela Paloma Duarte, namorada do filho do fazendeiro. Por causa disso fiz uma cena fortíssima, foi a primeira e única novela em que fui castrado.



O Fim do Mundo

Fui filho de Eva Wilma e Carlos Zara no seriado *Mulher*, o que me deu um prazer enorme. Além de o trabalho ser bem bacana, o horário de gravação permitir que eu continuasse com a minha atribulada agenda de *shows*, tive o privilégio de conviver muito proximamente com Carlos Zara. Batemos papos longuíssimos e enriquecedores. Depois eu pegava meu violão e tocava as músicas que ele me pedia. Saudades!

Quando o seriado acabou, meu contrato também acabou e decidi que era hora de trabalhar por obra certa. Estava em um momento muito bom,



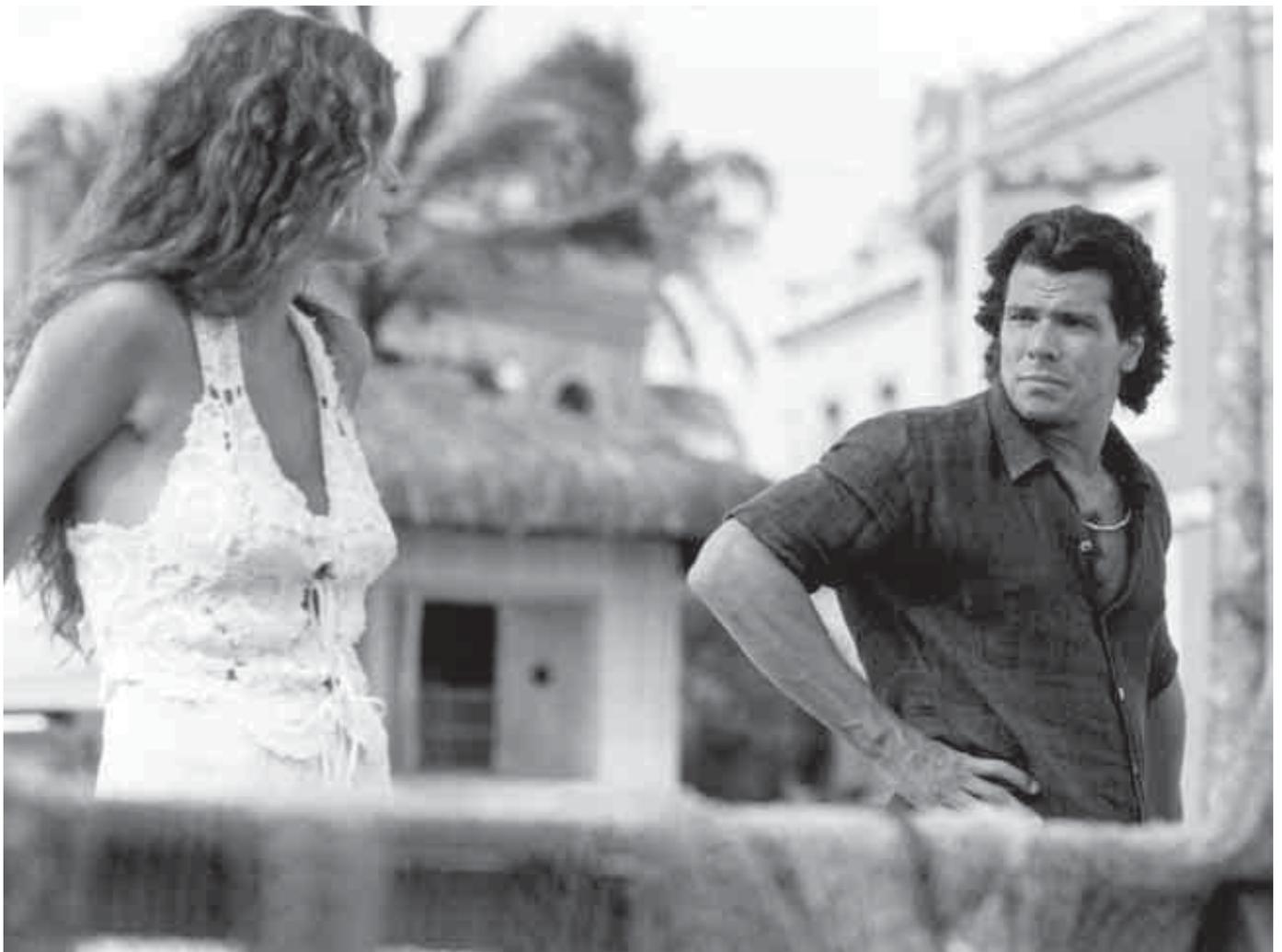
No seriado Mulher

fazendo dezenas de *shows*, mas decidi aceitar a proposta da TV Record para fazer uma novela: *Louca Paixão*. Uma música minha, em parceria com Mário Marcos, que gravei com a Orquestra Sinfônica de São Paulo, estava na abertura da novela. *Minha louca paixão/ Minha louca paixão....* Eu era o protagonista, minha música abria, o salário era bacana e o desafio de testar novos caminhos era fascinante. É preciso arriscar em certas escolhas, em determinados momentos da vida, e ver o que dá, colocar a cara para bater um pouco. Não me arrependo de ter ido nem um pouco, mas, como diz Gil, *como se ter ido fosse necessário para voltar*.

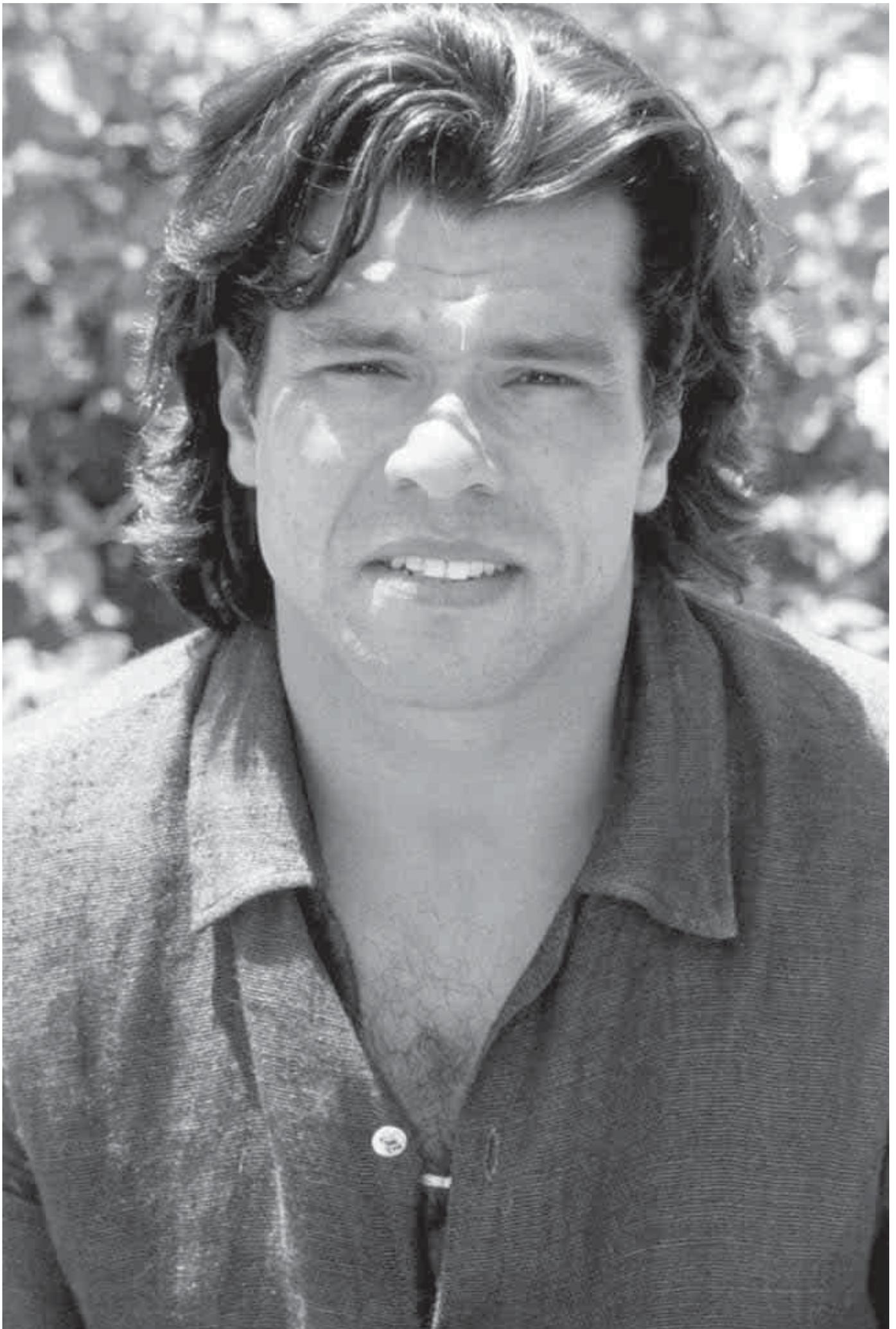
Paulinho Ubiratan tinha morrido e era sempre ele que me trazia de volta, que me colocava nas novelas, mesmo quando eu dizia que não queria, não podia... mas acabava cedendo. Marcos Paulo, porém, manteve a tradição e me convidou para fazer mais uma novela de Aguinaldo Silva, *Porto dos Milagres*. Fiz só a primeira parte da novela como pai do Guma, personagem de Marcos Palmeira. O personagem era muito forte, tinha uma relação dramática com Iemanjá, a quem xingava por ter levado seu filho. Para mim, novamente foi uma carga emocional enorme, espiritualmente era algo muito forte. Mas eu já estava bem dentro da prática do budismo, mergulhado de corpo e alma na filosofia, enfim, preparado emocional-

mente e espiritualmente para toda esta carga; gravamos na Bahia, em uma cidade cenográfica. Fui para Índia logo depois e quando voltei comecei a gravar *A Padroeira*. Agora, pensando retrospectivamente, fico vendo quantos trabalhos fiz ligados à religião. *Porto dos Milagres* falava da cultura baiana, dos orixás; Em *A Padroeira* tinha Nossa Senhora Aparecida, a descoberta de sua imagem nas margens do rio.... Incrível!

A Padroeira foi um convite do Walter Avancini. Meu personagem, Fernão de Avelar, foi meu primeiro grande vilão e um marco na minha car-



Porto dos Milagres, com Cristiana de Oliveira



Porto dos Milagres



Em A Padroeira



Em A Padroeira

reira. Fiz um vilão exatamente no DNA que me foi passado pelo Avancini. Ele me disse o que queria e eu achei o personagem desde a primeira leitura. Ele não queria um vilão óbvio, e sim alguém que tivesse uma atitude sarcástica com relação a quem matava. Queria que ele fosse frio, mas ao mesmo tempo, muito sedutor. Ao abaixar o tom da voz na leitura, me senti dentro do personagem. Avancini percebeu que eu havia acertado na veia. Criei para Fernão um gestual, ele pouco se mexia, tudo era quase em câmera lenta, ele olhava primeiro, depois a cabeça se movimentava. Um



Em A Padroeira, com Luiz Mello

trabalho que amei fazer. E o público embarcou, aceitou as suas maldades, porque ele fazia coisas horríveis por preconceito à Santa, por racismo, mas fazia também por amor, e isso de certa forma o redimiu. As pessoas até torciam para que ele ficasse com a mocinha. Não foi um trabalho fácil, a novela durou de verão a verão, a roupa era quentíssima, com uma gola enorme, colete, capa, lenço, bota, eu usava um aplique no cabelo, barba, um verdadeiro inferno. Se fora estava 40 graus, por dentro vamos combinar que era 50. E eu lembro que caí de fraqueza em sete dias de gravação. Sentia sintomas que me deixavam sem força. Foi quando descobri com meu médico que estava com a tiróide desregulada. Tratei e logo voltei às gravações novo em folha. Mas foi um privilégio, apesar da tortura, trabalhar com Avancini na primeira fase e depois com Roberto Talma. Foi o último trabalho de Avancini e como sempre aconteceu ele deixou a sua marca.

119

Agora é que São Elas era uma novela das seis, com abertura cantada pelo Lulu Santos e não posso dizer que foi um trabalho especial, no sentido de poder dar uma tinta diferente ao personagem. Eu fazia par com a Débora Falabella e parecia realmente muito mais velho do que ela, o que realmente sou. Ela era uma *coelhinha* ao meu lado, porque tinha uma imagem muito

leve, não deu liga. Ela acabou fazendo par com Paulinho Vilhena – muito mais adequado, claro! – e eu acabei fazendo par com outra atriz, Francisca Queiroz, em sua primeira novela. No fim, tudo deu certo, mas nada marcante. Mas é assim mesmo, a mandala tem de girar. Depois de um vilão marcante, um tempo para acalmar.

120

E girou de novo. E veio *A Lua me Disse*, novela do meu querido irmão Miguel Falabella e da Maria Carmem *Maravilhosa* Barbosa. Essa foi um esculacho! Genial! Divertida! Eu fazia um advogado totalmente ético, casado com a maluca da Madô, um *show* da Débora Bloch. Aliás, o elenco era todo maravilhoso: Aracy Balabanian, Zezé Polessa, Bete Coelho, Adriana Esteves, Arlete Salles, Stela Miranda, um timaço. E os homens, também marcando um bolão: Marcos Pasquim, Mário Gomes, Paulo Vilhena, D' Artagnan Mello. Tudo comandado pelo Talma.

Depois de uma comédia rasgada, fui fazer *O Profeta*, mais uma novela cujo tema era o espiritismo. Como se pode ver, é realmente uma constante na minha vida. Esse foi outro personagem que não entendi, fiz na marra. Meu personagem era um *bon vivant*, mulherengo e tentei me achar por aí. Depois ele se tornou mais sensível, preocupado com a filha, peguei outro rumo. Depois ele virou mau caráter mesmo, eu tive que mudar a tinta



novamente. Quando ele voltou a ficar bom já estava sem nuances, sem matizes. Mas isso acontece em novela e é melhor não ficar criticando. Melhor dançar conforme a música. É tango? Vamos nessa. Samba rasgado? Só no miudinho.

122 Em 2009, tive oportunidade de fazer algo inteiramente novo, que adorei: *Malhação*, a pedido do meu velho amigo Mário Márcio Bandarra e prontamente atendido por Marcos Paulo. Foi muito legal e altamente inspirador ter contato com o público jovem, da geração dos meus filhos, filhos daqueles que curtiram o meu trabalho ao longo dos anos. Gostava de pensar que naquele horário, havia uma mãe e sua filha assistindo *Malhação* e acontecia o seguinte diálogo imaginário, mas possível: *Pô, mãe, esse tal de Maurício é maneiro. Você nem pensava em nascer e eu já curtia ele para caramba. Não é o máximo? Para mim foi superpositivo sair na rua e ver a garotada me olhando, isso me renovou. Os adultos reclamaram um pouco: quando é que você vai voltar a fazer novela? Quando você vai voltar pro ar? Eu estou no ar, mas para outra galera. Nós adultos somos muito chatos, meu papo agora é com criança e adolescente, estou em outra atmosfera, agora teen – brincava respondendo. É claro que o horário é ingrato para os adultos, que normalmente estão trabalhando. E, mesmo*

quando estão em casa, não estão a fim de ouvir aquela linguagem pô, sacou, *brother*. Mas para mim foi uma ótima experiência.

E, de verdade, quem rala mesmo em *Malhação* é a galera jovem. Eu gravava pouco e isso me permitiu agitar milhões de coisas que precisava resolver na minha vida particular, que estava bem embolada por uma série de acontecimentos, que nem é bom falar agora, mas que no futuro renderá outro livro. Aguarde. De uma forma ou de outra eu estava ali, presente, estava girando a roda da mandala – e isso, repito, é fundamental. Sei que o futuro me reserva muitas coisas boas. Estou preparado para tudo, emocionalmente, espiritualmente e vou entrar de cabeça no que me oferecerem. Sei que sou uma pessoa tranquila, que as pessoas gostam, não dou piti, não reclamo de figurino, não chateio o pessoal da maquiagem, me dou superbem com os camareiros. Não me meto com os outros, não aceito provocações, quando estou gravando fico mais no camarim do que em qualquer outro lugar. Nem vou muito para a sala dos atores. Prefiro ficar lendo meus livros, dando uma passada no texto. Sou de socializar, converso com todo mundo, adoro ouvir as piadas, mas se percebo que algo está resvalando vazo, escorrego, evaporo. Já me colocaram em muitas confusões e sei muito bem como devo me comportar.

Na vida não faço muito diferente: não vou à estreia, acho confuso e disperso demais. Todos os meus colegas já sabem que apareço sempre no meio da temporada, misturado ao público, é mais tranquilo e saboreio mais a apresentação. Não costumo ir a restaurantes badalados, prefiro descobrir endereços novos, pratos novos. Tento evitar *paparazzi* e fofoqueiros de plantão. De fato, nem ligo muito, mas não alimento, não compactuo com essa energia e procuro evitar lugares onde esteja presente esse tipo de comportamento, de postura, de invasão. Quero tranquilidade. É uma situação difícil porque tem gente que liga para dizer que comprou um carro novo, que levou o cachorro ao *pet shop* para ter fôlego mais uma semana. Eu estou na lida há muito tempo, são muitos anos, dou entrevistas, sim, respondo quando me perguntam, mas sinto preguiça, me cansa ser parte desta embriaguez que se tornaram alguns programas de TV e algumas revistas.

Gosto de andar de bicicleta, tranquilão, despojado, é sempre a mesma bicicleta, o mesmo tênis, o mesmo Maurício e como Chico Buarque, é a mesma camiseta e a mesma bermuda. E não vou comprar novos modelos só para sair nas fotos.

Capítulo IX

Maurício e o Cinema

Conheci Caetano Veloso quando ele foi assistir *Capitães da Areia* pela primeira vez e imediatamente começamos uma linda amizade. Ele e sua mulher na época, Dedé, foram pessoas que me ajudaram muito quando eu mais precisava. Quantas vezes fiquei na casa de Caetano quando estava com fome e sem lugar para dormir! Moreno Velloso tinha uns dez anos, um cabelo lourinho, cortado fio reto, como o meu na época. Quando estávamos juntos, parecíamos irmãos. A gente ficou nesta viagem bacana de ser uma só família. Anos mais tarde, nos tornamos mais família ainda quando dei meu primeiro filho para ele batizar. Caetano além de tudo é meu compadre, um laço para toda a vida, tão forte como a amizade profunda que sentimos.

125

E foi com esse amigo querido que fiz minha primeira incursão no cinema. *O Cinema Falado*, de 1986, é uma grande viagem para dentro de seu mundo intelectual, textos do próprio Caetano, de Guimarães Rosa, Thomas Mann, Gertrude Stein, Garcia Lorca, ditos por seus amigos nas situações mais inusitadas – Regina Casé, Guel Arraes, Jorge Mautner, Julio Bressane, Antônio Cícero, Scarlet

Moon, Lulu Santos, Jorge e Wally Salomão e eu. *O Cinema Falado é um happening.*

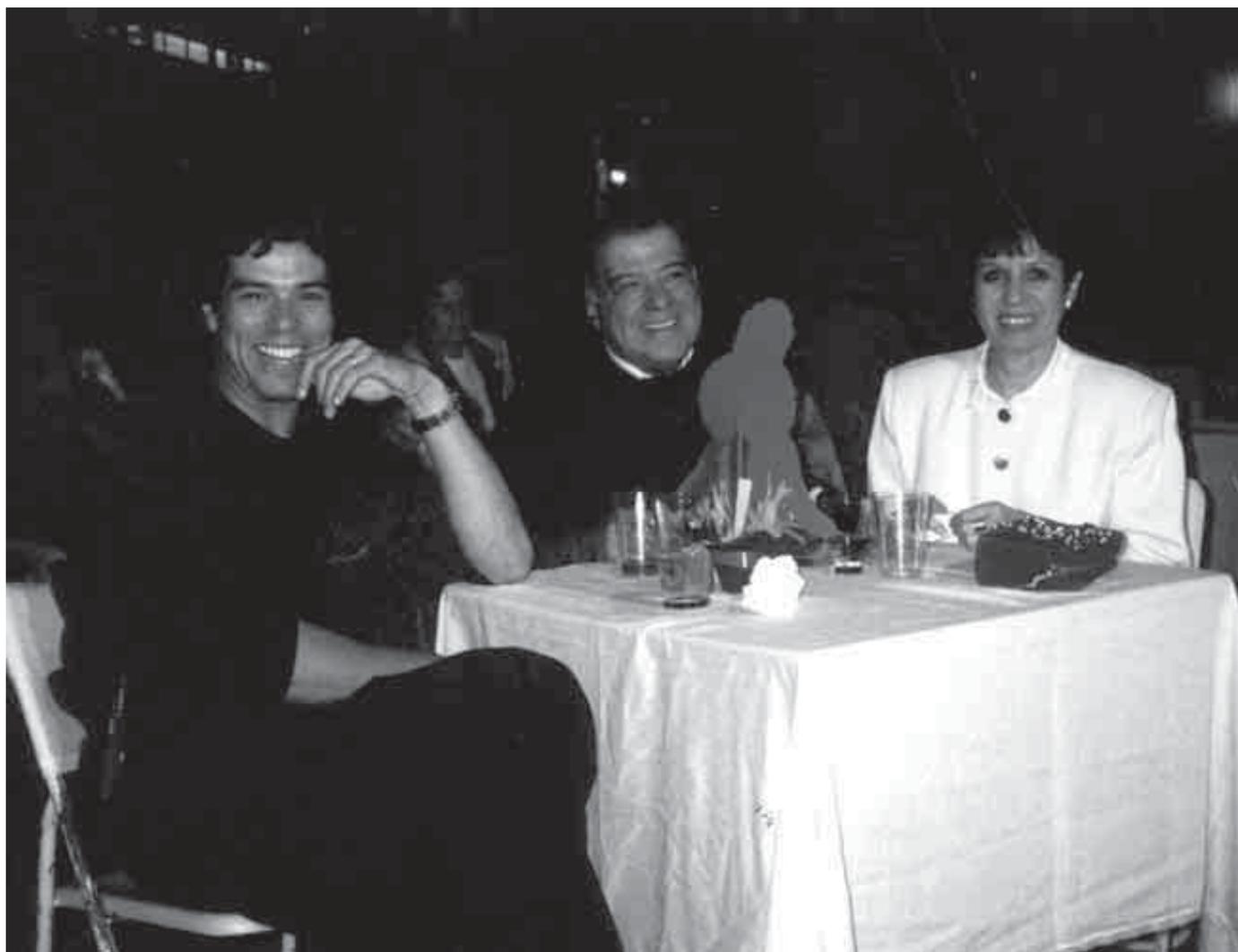
Os jovens estavam definitivamente na moda no final dos anos 80. O *rock* cada vez mais se impunha, e havia uma plateia ávida por manifestações que falassem a sua língua. Em 1987 protagonizei *Johnny Love*, um filme de João Elias Jr., na onda de *Bete Balanço* e *Menino do Rio*. Era uma mistura de policial com aventura e estavam no elenco ainda Paulinho Guarnieri, Ângela Figueiredo e Felipe Carone.

Em 1989, Ruy Guerra me chamou para fazer *Kuarup* e fiquei honradíssimo. Era somente uma participação, como várias neste filme, mas contundente, marcante, de peso. Confesso que queria mais, muito mais, nem que fosse para aproveitar mais a convivência com Ruy Guerra, mas o que fiz marcou bastante, e resultou até em um trabalho no futuro. Eu fazia um líder sindicalista que se escondia depois de levar um tiro. Uma imagem forte: terno de linho branco, gravata entreaberta, sujo, suado, com a mão ensanguentada, dentro de uma caverna. Era um cara culto, que sabia das coisas, politizado, porém tinha uma certa delicadeza na elegância de sua figura, embora muito viril. Foi essa virilidade que chamou a atenção de Carlos Reichenbach na época que, quase 20 anos depois, me convidou para fazer *Falsa Loura*.

Ele disse nas coletivas que buscou um ator que conhecesse música, porque o personagem era uma figura que se aproveitava da própria imagem para seduzir meninas, um cantor que embalava a trilha sonora das garotas do Brasil e da periferia de São Paulo principalmente. Além disso, ele queria alguém que tivesse cara de homem. E se lembrou da minha imagem no *Kuarup*. *Você tem uma imagem viril, passa um homem de verdade, uma coisa que pouco existe hoje em dia*. Fiquei muito honrado com o convite e com todas as considerações que Reichenbach fez sobre mim. Depois li uma entrevista de Clint Eastwood em que ele falava algo que tinha tudo a ver com o que Reichenbach tinha me dito. Clint falava que na sua geração havia atores bonitos, mas que não eram frágeis, não havia delicadeza na beleza e que poucos atualmente tinham isso, e completava chamando a nova geração de uma *geração de maricas no sentido físico*. Pensei muito nesse nicho de mercado que até então não era claro para mim: ter cara de homem, passar uma imagem viril. Bom para mim.

127

Eu nunca saboreei o cinema da forma que gostaria. Se escolhi ser ator vendo os filmes de Hollywood, sei que ainda há um lugar a ser explorado na tela. Vamos esperar que os ventos soprem a favor. Estou atento às oportunidades e quero muito.



Com os pais, Jarbas e Liedir

Capítulo X

Relações Delicadas

Sei que tenho muito a aprender ainda nas minhas relações afetivas. Tudo foi muito duro para mim, em termos sentimentais, desde a infância. A relação com a minha mãe é de amor, e isso não posso contestar, mas distante. Fui criado longe dela, sem mimos e carinhos, o que talvez explique eu não ter sucesso com as mulheres. Eu compreendo a minha mãe, cuido dela, dou tudo que tenho condições, mas existe um abismo entre nós. Nós conversamos, rimos juntos, mas existe um vazio que surgiu há muitos anos. Com minha madrinha não tenho mais relação alguma, desde a época de luto, que me fez sofrer muito, a morte do meu pai.

129

Estava morando em Portugal, meu pai estava muito doente, com um câncer já espalhado pelo corpo, e minha madrinha me ligou pedindo que eu viesse ao Brasil porque talvez fosse a última vez que veria meu pai vivo. Estava em Portugal desde novembro de 2003 e estávamos em maio de 2004, eu tinha vários contratos até o final do ano, mas consegui abrir uma brecha na minha agenda e comecei a agitar. Ele precisava mesmo ser hospitalizado em caráter de urgência, estava com uma série de problemas.

Eu precisava voltar para Portugal. Fiquei com o meu pai o tempo que pude, e não deu para ficar mais, e me despedi dele. Eu sabia que aquele era o único e último momento que eu ia vê-lo, e falei aquele pergaminho de coisas que a gente tem que dizer na hora da morte. Frisei tudo que havia sido importante na nossa convivência, o quanto ele havia sido representativo para mim espiritualmente, psicologicamente, como a sua figura masculina influenciou a minha formação. Queria que ele soubesse na hora da passagem o quanto ele havia sido meu herói. Foi uma catarse, na verdade coloquei para fora tudo que eu precisava. Gostaria de ter feito isso em outro tempo, no tempo da delicadeza, como canta Chico: andando em um lago, de bicicleta no calçadão, tomando uma água de coco, num carro viajando com ele, velejando. Eu não tinha mais tempo, era tudo ou nada, aquele era o instante de colocar a dor para fora. Ele pouco falava, mas me olhou com um olhar que disse tudo. Eu disse: *Pai, agora vou ter que ir embora, infelizmente eu tenho que seguir.* E ele me olhou de uma forma intensa como se dissesse: *vai meu filho, vai ter gosto na vida.* Parei na porta do CTI, olhei para trás, e mais uma vez senti ele me dizer: *vai, não olha para trás, senão você não vai.* Engoli em seco e fui.

Ele estava com muita dor, e pedi para o médico que parasse com o sofrimento, aumentando a dose de morfina, para que ele sonhasse colorido e fizesse a passagem olhando um arco-íris multifacetado. Viajei para Portugal, e, em agosto, soube do seu falecimento. Estava na marina em Cascais, onde morava, tinha acabado de chegar da Alemanha, estava ali tomando um suco numa casa brasileira chamada Quarenta Graus e um amigo me deu a notícia. Foi um impacto. Andei até a ponta da marina, fiquei olhando o mar, o vento, as gaivotas. E chorei. Quando voltei ao Brasil soube que ele não tinha morrido no dia em que fui avisado, mas duas semanas antes, soube ainda de coisas horripilantes, espiritualmente falando, que prefiro nem falar mais.

131

Minha madrinha? Nunca mais falei com ela, mas não a olho com raiva e sim com uma profunda tristeza. Ela precisa viver com seus fantasmas. Estou tentando sempre avaliar os problemas por mais confusos que sejam e isso me permite alçar vôos maiores. Às vezes me ressinto muito em não poder conversar, abraçá-la, ter uma relação saudável com ela, somos só nós dois, pelo lado paterno. Mas a vida nos obriga a fazer opções. Por mais que elas doam.

Eu agradeço muito a todas as mulheres que passaram pela minha vida, que foram elas, mais do

que a minha família, que me ensinaram de fato o poder do afeto, do carinho, do mimo. Eu errei muito pela minha vida nos relacionamentos, justamente pelas dificuldades que tive com as figuras femininas da minha infância. Não soube regar certos relacionamentos da forma que eles deveriam ser cultivados. Casei muito jovem com Elba Ramalho, eu estava com 21 anos e ela, com 35. Ficamos juntos por três anos e dessa linda união nasceu Luã, meu primeiro filho, o homem mais especial da minha vida. Ele é meu parceiro, confidente, cúmplice, sócio, sensível ao extremo e companheiro musical.

132 Vivi três anos intensos, eu e Elba tivemos uma história muito bonita. Aprendi muito como homem na minha relação com ela, que era mais experiente do que eu, tinha uma carreira bem sucedida quando eu estava apenas despontando e me ensinou demais. Quando me separei de Elba foi um sofrimento terrível, duplamente difícil porque tinha um filho. Sofria pelo término da relação com alguém por quem estava apaixonado e também porque iria distanciar-me do meu filho. Eu me senti perdido, desorientado, como se o chão tivesse sumido dos meus pés, uma labirintite, uma tontura, como na música de Luiz Melodia, *me leve vento, sou folha*. Fiquei meio papel jogado ao vento, mas como jamais



Com Luã

gostei de ficar sozinho, logo emendei em outro relacionamento. E sempre fui mais de namorar, como se fosse casado.

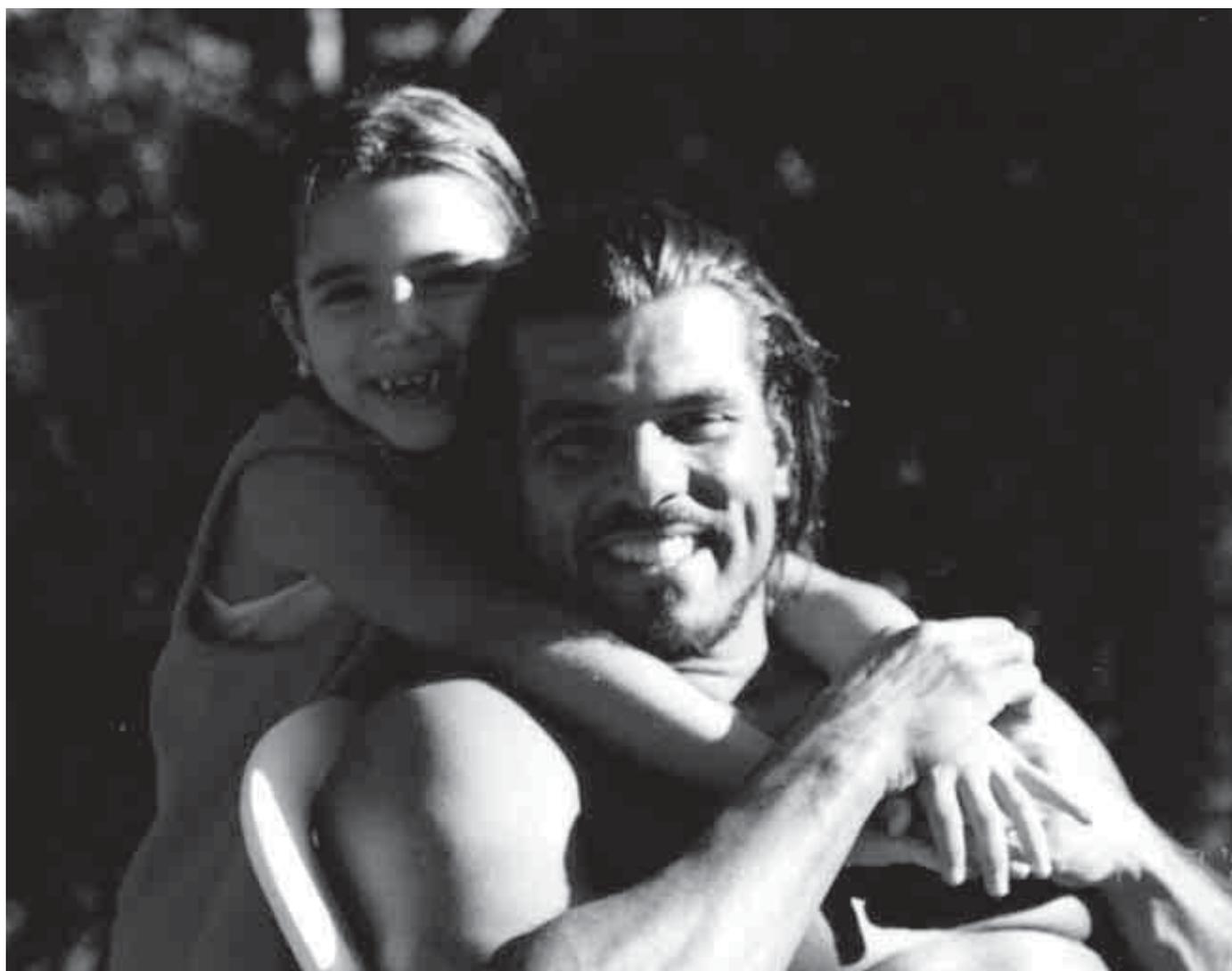
Logo depois me casei com Flávia Gracie, mãe da minha segunda filha, Rayra. Eu fazia *jiu-jitsu* desde 1984, mesmo antes de conhecer a Elba. Um dia, logo depois da separação, estava com Renzo Gracie, com quem treinava junto, e vi uma mulher linda passar. Embora tristinho, macambúzio, prestei atenção nela e falei: *nossa, que menina linda, nativa, parece uma havaiana, que olhar, que andar, que cabelo!* Ele foi rápido: *não entra nessa não*. Eu perguntei por quê. *Maurição, meu príncipe* – é como me chama assim até hoje –, *é minha irmã*. E morremos de rir. Fui atrás dela, ela ficou grávida no nosso primeiro relacionamento, nos casamos e alguns anos depois nos separamos, teve briga, discussão, ciumeira e no meio desse inferno todo, o Renzo apareceu só para me dizer: *e aí Maurição, meu príncipe, eu não falei pra não entrar nessa?* E ria, e ria. Mas passou a crise, depois dos ventos, rajadas e trovoadas ficamos muito amigos eu e Flávia até hoje e sempre quando dá comemoramos o dia do aniversário juntos, ela é ariana, somos do dia 3 de abril.

Não foi fácil ser pai pela segunda vez. Eu era pai novo, estava descobrindo o que era ser pai de um menino e ganho uma menina, mas pouco a



Com Rayra

pouco as coisas foram se encaixando, e tenho uma relação linda com a Rayra, ela é uma menina de ouro, especialíssima, e talvez a filha mais presente em minha vida. Cuida de mim com preocupação, dá comidinha, me cobre, viro filho dela às vezes. E morou comigo uma época o que nos aproximou muito. Petra também tem uma relação muito próxima, apesar da distância por morar em São Paulo. É minha filha do relacionamento com Fabiana, tem 16 anos, é sensível, inteligente, rápida, corajosa e muito *bichenta*. Adora bichos, pega cobra, lagarto, sapo, aranha,



Com Petra

o que for. Amo meus filhos de forma diferente, mas não faço diferença entre eles. Cada um tem uma intensidade, uma energia. Cada um tem um planeta, uma lua, um signo. Cada um tem uma história, uma cultura, uma experiência. Cada um tem a sua natureza, a sua personalidade, a sua maneira de ser. Vibro com cada um de forma diversa. Mas a dimensão do amor é igual.

Não sei se sou um bom pai. Tento fazer o que posso, mas acho que poderia fazer até o que não posso. Tenho muitas preocupações em minha vida como homem e profissional e por vezes acho que negligencio os meus filhos. Não que não me preocupe com eles. Ah, como me preocupo quando saem para balada e chegam de manhã, com o dia clareando. Fico louco. Ligo para o celular várias vezes, quando elas não escutam, fico furioso (*coloca este celular dentro da calça, para sentir quando vibrar, assim vocês me atendem...*). Já virei muitas noites na minha vida e hoje detesto ver o dia clarear. Mas só sossego quando vejo que todos estão em casa e bem. Tenho o maior diálogo com os três – nunca levantei um dedo para um filho –, converso sobre tudo: drogas, sexo, somos parceiros. E quero que eles sejam muito felizes. A cada dia aprendo mais um pouco esse difícil ofício de ser pai. Mas a vida não é isso, um eterno aprendizado?

Jorge Vercilo tem uma música que diz: *todos os relacionamentos que tive foram pontes para chegar até você*. Gosto de dizer que todos os relacionamentos que tive foram pontes para eu chegar a mim mesmo, para me entender, para me fazer melhorar, crescer. Eu fui sendo educado ao longo da vida pelas mulheres com quem me relacionei. Cada uma exigia de mim algo, que me permitia melhorar um pouco mais. Olhando o passado tenho a impressão de que nunca tive ingrediente algum para lidar com exigências, cobranças, necessidades de relacionamentos. Reconheço e



Em casa, fazendo o que mais gosta: assistir filmes com os filhos Luã, Rayra e Petra

assumo que errei muito por não atender às necessidades mínimas das minhas companheiras, de saber, por exemplo, que depois da gravação estava bebendo cerveja com os amigos. Por que não ligar? Esse tipo de cobrança me incomodava, porque não me colocava no lugar da pessoa, precisei levar muita pancada para fazer isso, e nesse tempo fui perdendo relações, que gostava muito. E como sofria. Hoje tenho uma relação madura, tranquila e estável com a bailarina Keiry Costa, de Curitiba, que conheci por intermédio do Carlinhos de Jesus. Faz dois anos que dividimos uma família harmoniosa com sua filha Nahuana Costa, atriz mirim de 10 anos. Rapidamente Nahuana passou a ser minha filha de coração. Ela é linda, inteligente, sensível, educada, doce e muito talentosa. Além de ser um anjo, que só traz bom astral. No nosso relacionamento, aprendo mais uma vez a oportunidade de ser um pai melhor.

139

Confesso que entro em uma nova relação sempre achando que estou mais pronto, mas não tenho autoconfiança suficiente para achar que estou totalmente pronto. Tenho defeitos, mas quero crer que eles estão menores, já sei onde não devo errar, como já disse: quero erros novos, dos velhos, fujo. Acredito que esteja acertando mais hoje em dia do que no passado, mas vou sempre errar, isso é inevitável. Relações são delicadas.

Capítulo XI

De Peito Aberto

As águias quando chegam em determinada idade começam a ver modificações: seus bicos crescem e elas não conseguem mais comer direito; as garras alongam e elas não conseguem mais pousar com firmeza; as penas ficam velhas e não protegem mais. Elas vão para uma caverna e ficam um bom tempo lá, batendo com os bicos na pedra para que eles encurtem. Rasgando as garras para que elas voltem ao mesmo formato, arrancando as penas velhas para que novas nasçam. Elas se arrepentem por inteiro e aí alçam voo novamente. Acho isso lindo! E de certa forma é uma metáfora de tudo que nós vivemos. É preciso arrepentir tudo para poder voar novamente.

141

Durmo e acordo criando sempre novas dúvidas sobre mim mesmo, sou meu advogado do diabo. Nos últimos dez anos tentei entender o que aconteceu na minha vida, quando de um momento para outro fui tachado de *bad boy*. Nunca respondi, não dei entrevistas a respeito, não acho que deva dar satisfações a ninguém, mas como posso falar de peito aberto, sem tocar nas feridas que muito me machucaram?



Não quero levantar bandeiras, e jamais quis. Tive contato com drogas como muita gente, mas nunca fui viciado, dependente químico, jamais fui preso, nunca tive reais problemas com drogas. Digamos que fui um turista da droga, jamais um profissional, como definiu Irene Ravache sobre um de seus filhos em seu livro. Como alguém que gosta de voltar a Paris, a Nova York, para comer nos restaurantes, fazer compras, pode até ficar uma semana, um mês, mas definitivamente não é o seu país.

De onde veio essa fama de mau? Eu me perguntei por muito tempo, e concluí que em determinado momento da minha vida estava namorando uma menina querida pelo Brasil inteiro, uma bela. E precisavam de uma fera. Eu. Ela esteve do meu lado por cinco anos, foi uma pessoa muito importante na minha vida e sabia mais do que ninguém que tudo era uma avalanche maldosa que despencara na minha cabeça. Foi exatamente no período que estava namorando com ela, que pensei em fazer uma limpeza, como aqueles milionários que vão para a Suíça trocar o sangue uma vez por ano, queria tirar toda a química do meu sangue. Não estava em crise de abstinência, nunca tive isso, mas cada vez curti menos o *Day After* e o tempo da alegria estava menor do que o do sofrimento, e como nunca fui masoquista,

143

não estava mesmo a fim e continuar, mesmo sendo turista, repito e reafirmo. Sempre tive certeza absoluta que a riqueza maior estava nos esportes, na natureza, nas atividades físicas ao ar livre e de certa forma este lado com as drogas estava começando a me incomodar muito. Procurei ajuda, queria ir para um *spa*, pedi informações, acabei encontrando um lugar e entrei em uma enorme furada. A imprensa foi avisada no dia seguinte por um médico desse mesmo lugar, que queria a mídia em cima de mim, e todo mundo queria fazer uma coletiva para que eu falasse da tal dependência química.

144 Muita gente foi para a imprensa falar horrores de mim e virou uma carnificina. Falaram o que quiseram. E eu permaneci calado. Tenho a tendência a ficar em silêncio, e observar tudo, sigo o ensinamento oriental que *a palavra é de prata e o silêncio é de ouro*. Fiquei naquele fogo cruzado sempre quieto. E isso aguçou mais ainda a curiosidade das pessoas, a vontade de cair em cima de mim matando. Por que não falei nada? Porque não queria engrossar o caldo e também não tive ajuda de ninguém que me desse uma orientação. Talvez tenha errado, mas pensava estar certo. Para algumas pessoas eu simplesmente não assumi. Mas eu não podia assumir algo que não era verdade, eu não podia compactuar com



essa loucura para todo mundo ficar tranquilo. Eu me sentia muito violentado. Não tinha passagem na polícia, nunca tinha sido preso por drogas, nunca ninguém me viu drogado, passando mal em hospital ou comprando drogas, por que o massacre? Não via como colocar uma bandeira branca no meio do fogo cruzado. Seria alvejado mais ainda com certeza.

146

Tudo isso foi me machucando tanto, me agredindo, acabando com a minha alma que se abriu uma ferida enorme. Sabia que qualquer coisa que falasse seria usado contra mim. Sabia, ainda, que precisava deixar o tempo passar, confiar na minha carreira, fazer trabalhos maravilhosos porque isso um dia ia acabar. Como acabou. Não há mal que dure para sempre. Fui simplesmente a bola da vez em determinado momento. Fiquei quieto e vivi a minha vida, como vivo até hoje.

E se alguém ainda fala de mim, busquem pela sua credibilidade. São papagaios repetidores, não cabeças pensantes. Viram alguma coisa? Sabem de alguma coisa? Não. Às vezes tenho a enorme tentação de fazer o seguinte com quem insiste em afirmar que eu cheiro para caramba. *Ok. Já enchi o saco dessa história, prova. Se você não provar, vou processar, começar a ganhar dinheiro com isso. Vamos ali na clínica mais próxima, vou fazer um exame de sangue e vamos*



Bambolê

testar para todo tipo de droga. Se encontrar alguma coisa, pode falar o que quiser. Mas se não encontrar, cala a boca de vez.

148 Sou um homem do esporte. Surfo desde que sou menino, e tenho um prazer enorme de estar próximo à natureza, sentadinho na minha prancha, esperando a onda perfeita, sinto uma paz indescritível. Fiz *windsurfe* também, que é a prancha com vela e sempre gostei da relação com o vento, deixar que ele me levasse, mas controlando-o, usando-o a meu favor. Sou piloto profissional de vôo livre há 20 anos. Voei de asa delta com muitas feras, como meu querido amigo Pepê. Gosto de mergulhar, fiz curso, com cilindro e tudo, já mergulhei em naufrágios, fiz mergulho noturno, mas jamais cacei, só observei. Procurei pelo mundo inteiro as águas roxas, que são as melhores para mergulho e muitas vezes as encontrei. Amo sair do Brasil para esquiar. Amo a neve. Amo esquiar. Sou faixa preta de *jiu-jitsu*, pratico-o há 26 anos, comecei como forma de soltar os cachorros, para aprender a me defender dentro e fora do tatame, pratico menos hoje, não com a intensidade de antigamente, mas é uma paixão. Fiz boxe e capoeira para aprimorar alguns personagens. Sou louco pela minha bicicleta, pedalo horas por dia, observando a vida, adoro colocar um sonzinho no ouvido e

sair pedalando pelas ciclovias e ruas. Vou longe. Como poderia fazer tudo isso se *cheirasse para caramba*, como alguns ainda insistem em dizer: meus dentes estariam inteiros? Meu cabelo ia ser o que é? Minha pele? Isso é coisa de gente doente. Como diz Dalai Lama, *a mente tem o poder de mudar tudo o que dizem, mas tudo o que dizem não muda nada*.

Meus filhos jamais me perguntaram nada, talvez tenham sofrido na escola algum problema. Mas a pergunta não faz sentido para eles. Eles convivem comigo, sabem que eu sou sem máscaras. Sou uma pessoa tranquila, adoro ficar em casa, pedir comida, separar uns DVDs e ficar assistindo com quem amo, com meus filhos, todos abraçadinhos. Como disse Nelsinho Motta em uma entrevista no Jô: *já fui o king of the night. Agora quero paz!* Não tenho mais paciência para ir a uma boate. Não estou a fim de confusão. E não estou MESMO! Gosto de tempo cinzento, raios, ventos envergando os coqueiros, adoro quando três horas da tarde parece oito da noite, me jogo no sofá, quando posso, e fico vendo Sessão da Tarde, e lembro da minha adolescência. Eu sou assim, da paz e não quero nunca mais ser assediado por questões que jamais foram minhas.

No fundo, é como Cazuza disse: *me chamam de ladrão, de bicha, maconheiro, transformam*

o País inteiro num puteiro, enfim, quem tem boca fala. Ou como diz o Dr. Lair Ribeiro: *Você não vai encontrar ninguém falando de você no cemitério. Se você for para lá realmente você vai encontrar o silêncio.* Há quem me tenha dito também, como Jorge Mautner: *você só é apedrejado porque você incomoda. Quem não incomoda ninguém fala, ninguém chuta cachorro morto.* Não posso esquecer que sou uma pessoa acarinhada por muitos. Sempre, mesmo no momento de maior turbilhão. Tenho amigos queridos, não tantos como no passado, porque, em determinada época da minha vida queria conquistar todo mundo. Com o passar do tempo, fui aprendendo a ser mais seletivo, não fiquei uma pessoa desconfiada, mas vou com mais calma para não me machucar. Sempre fui muito ingênuo, muito puro e sempre achei que o outro iria receber-me como eu o receberia, de braços e coração abertos. Muita gente me diz que o que atrapalha a minha vida é este coração aberto. Mas como o coração pode atrapalhar, se ele é símbolo de bondade, compaixão, generosidade? Há sempre alguém que não gosta da felicidade dos outros. A maturidade está me trazendo sabedoria e eu quero é mais.

Um dia dei uma palestra para jovens atores em Portugal e falei sobre a trajetória dos foguetes.

Quando eles entram na atmosfera queimam, pegam fogo, tudo é matematicamente correto para que parte se desacople e caia no mar. A outra parte entra na gravidade e cumpre a sua missão. Acho que minha missão é parecida, precisei atravessar a atmosfera me mantendo de pé. Como Dalai Lama diz, no momento em que você tenta conviver com o inimigo, é quando mais cresce. Não é possível amadurecer somente com os amigos. Os inimigos são a grande jóia do praticante. Ou seja, é na dor que mais se aprende. E como aprendi. Estou no momento de recomeçar a girar a roda da mandala com mais força ainda, porque quem apanha, sofre, mas quem bate, também cansa.

151

E o mocinho, depois de apanhar muito, se conseguir ficar de pé, acaba como herói.

Cronologia

Teatro

2005

- ***O Fio da Meada***, adaptação de Paulo Reis para *The Woolgatherer*, original americano de Willian Mastrosimone.

Direção de Cláudio Torres Gonzaga

1991

- ***Blue Jeans***, de Zeno Wilde e Wanderley Aguiar Bragança

Direção de Wolf Maya

153

1984

- ***O Guarani***, baseado em Carlos Gomes

Direção: Carlos Wilson

- ***Verde que te quero Ver***, de Edmundo Souto e Paulinho Tapajós

Direção: Cláudio Tovar

1983

- ***Os Doze Trabalhos de Hércules***, de Monteiro Lobato

Direção: Carlos Wilson

Prêmio Mambembe de melhor espetáculo infantojuvenil

1982

- ***Capitães da Areia***, de Jorge Amado

Direção: Carlos Wilson

- ***Maldita Parentela***, de França Júnior

Direção: Carlos Wilson

1978

- ***Nossa Cidade***, de Thornton Wilder

Direção: Carlos Wilson

Televisão

TV Globo

154

2010

- ***Na Forma da Lei***, seriado de Antonio Calmon, dirigido por Wolf Maya, Miguel Rodrigues, Emerson Muzeli, uma produção do Núcleo Wolf Maya, como Delegado Pontes.

2009

- ***Malhação***, temporada escrita por Patricia Moretzsohn, direção de Marcos Paulo, como Guilherme Cavalaria.

2006

- ***O Profeta***, de Duca Rachid, Thelma Guedes e Júlio Fischer, baseada em original de Ivani Ri-

beiro, direção de Roberto Talma, Mario Márcio Bandarra, Vinicius Coimbra e Alexandre Boury, como Henrique.

2005

- ***A Lua me Disse***, de Miguel Falabella e Maria Carmem Barbosa, direção de Roberto Talma, Rogério Gomes, Leandro Neri e André Felipe Binder, como Lúcio.

2003

- ***Agora é que São Elas***, de Ricardo Linhares, direção de Roberto Talma, Amora Mautner e Leandro Neri, como Pedro.

2001

- ***Porto dos Milagres***, de Aguinaldo Silva e Ricardo Linhares, direção de Marcos Paulo, Roberto Naar, Fabrício Mamberti e Luciano Sabino, como Frederico Vieira.

- ***A Padroeira***, de Walcyr Carrasco, direção de Walter Avancini, Roberto Talma, Mario Márcio Bandarra, Ivan Zettel, Vicente Barcelos, Luiz Henrique Rios e Leandro Neri, como Fernão de Avelar.

1997

- ***Mulher***, seriado criado por Daniel Filho, Antônio Calmom e Elizabeth Jihn, direção de Daniel

Filho, José Alvarenga Jr., José Carlos Pieri, Mário Márcio Bandarra e Cininha de Paula, como Carlos.

1996

• *O Fim do Mundo*, de Dias Gomes, direção de Paulo Ubiratan e Gonzaga Blota, como Rosalvo.

1994

• *A Viagem*, de Ivani Ribeiro, direção de Wolf Maya, Ignácio Coqueiro e Maurício Farias, como Téo.

1993

156

• *O Mapa da Mina*, de Cassiano Gabus Mendes, direção de Gonzaga Blota, Denise Saraceni, Roberto Naar e Flávio Colatrello, como Bakur Shariff.

1992

• *Pedra Sobre Pedra*, de Aguinaldo Silva, Ana Maria Moretzsohn e Ricardo Linhares, direção de Paulo Ubiratan, Gonzaga Blota, Luiz Fernando Carvalho e Carlos Magalhães, como Leonardo Pontes.

1990

• *Rainha da Sucata*, de Sílvio de Abreu, direção de Jorge Fernando, Mário Márcio Bandarra, Fábio Sabag e Jodele Larcher, como Rafael.

- ***Lua Cheia de Amor***, de Ricardo Linhares, Ana Maria Moretzsohn e Maria Carmem Barbosa, direção de Roberto Talma, José Carlos Pieri, Flávio Colatrello e Fred Confalonieri, como Augusto.

1989

- ***O Salvador da Pátria***, de Lauro César Muniz, direção de Paulo Ubiratan, Gonzaga Blota, Denise Saraceni e José Carlos Pieri, como Sérgio.

1987

- ***Bambolê***, de Daniel Más, direção de Wolf Maya, Attilio Riccò e Ignacio Coqueiro, como Murilo.

1986

- ***Cambalacho***, de Sílvio de Abreu, direção de Jorge Fernando e Deo Rangel, como Portus Trancoso.

157

1985

- ***Roque Santeiro***, de Dias Gomes e Aguinaldo Silva, direção de Gonzaga Blota, Marcos Paulo, Jayme Monjardim e Paulo Ubiratan, como João Ligeiro.

Participações

Terça Nobre (*Lucíola*, 1993), Sítio do Picapau Amarelo (*A Festa da Cuca*, 2001), Sob Nova

Direção (*Paizão à Flor da Pele*, 2006), Faça Sua História (*Miss Garota Suburbana*, 2008), Toma Lá Dá Cá (*Eu Também Compro Esta Mulher*, 2009).

Em 1983 participou de um quadro no Fantástico, New Romantic, com textos e poesias de Vinícius de Moraes e Domingos de Oliveira, também diretor. No elenco, Cazuzza, ainda ator, Bianca Byngton, Fred Eça, Dedina Bernardelli, entre outros.

Foi ainda apresentador do programa musical *Clip Clip*, dirigido por Boninho, entre 1984 e 1987, que apresentava artistas novos, como Cazuzza, Ira, Barão Vermelho. Lobão, Marina Lima, Cláudio Zoli, entre outros.

158

TV Record

1999

- ***Louca Paixão***, de Yves Dumont, direção de José Paulo Vallone, Jacques Lagoa e Rodolfo Silot, como André Albuquerque.

Participou ainda de *Das Erbe der Guldenburgs*, seriado exibido na TV alemã, em 1987, e na França em 1990.

Cinema

2007

• *Falsa Loura*, dirigido por Carlos Reichenbach, como Luis Ronaldo.

1990

• *O Gato de Botas Extraterrestre*, dirigido por Wilson Rodrigues, como Príncipe.

1989

• *Kuarup*, dirigido por Ruy Guerra, como Levindo.

1987

• *Johnny Love*, dirigido por João Elias Jr, como Johnny.

159

1986

• *O Cinema Falado*, dirigido por Caetano Veloso, como convidado da festa.

CDs lançados como compositor/cantor

Muito Romântico

Mauricio Mattar

A Gente Nunca Esquece

Nada Apaga essa Paixão

Verdades e Mentiras

Meu Primeiro Disco

Meu Segundo Disco

Diamante

Índice

No Passado Está a História do Futuro – Alberto Goldman	5
Coleção Aplauso – Hubert Alquéres	7
Introdução – Tania Carvalho	13
Tempo de Falar	17
A Gênese	23
O Teatro Tablado	41
O Marco Zero	51
A Transição	61
A Vida na Telinha	71
Notas Musicais	93
Ainda e Sempre a TV	101
Maurício e o Cinema	125
Relações Delicadas	129
De Peito Aberto	141
Cronologia	153

Crédito das Fotografias

Adir Mera 68, 69, 66, 67

Cedoc Rede Globo 70, 74, 75, 77, 80, 81, 86, 87, 89, 90, 92, 102, 103, 104, 111, 112, 114, 115, 116, 117, 118, 121, 147

Guga Melgar 49, 53

Paulo J.G. Azevedo 48

Rômulo Fritscher 50, 56

A despeito dos esforços de pesquisa empreendidos pela Editora para identificar a autoria das fotos expostas nesta obra, parte delas não é de autoria conhecida de seus organizadores.

Agradecemos o envio ou comunicação de toda informação relativa à autoria e/ou a outros dados que porventura estejam incompletos, para que sejam devidamente creditados.

Coleção Aplauso

Série Cinema Brasil

Alain Fresnot – Um Cineasta sem Alma

Alain Fresnot

Agostinho Martins Pereira – Um Idealista

Máximo Barro

Alfredo Sternheim – Um Insólito Destino

Alfredo Sternheim

O Ano em Que Meus Pais Saíram de Férias

Roteiro de Cláudio Galperin, Bráulio Mantovani, Anna Muylaert e Cao Hamburger

Anselmo Duarte – O Homem da Palma de Ouro

Luiz Carlos Merten

Antonio Carlos da Fontoura – Espelho da Alma

Rodrigo Murat

Ary Fernandes – Sua Fascinante História

Antônio Leão da Silva Neto

O Bandido da Luz Vermelha

Roteiro de Rogério Sganzerla

Batismo de Sangue

Roteiro de Dani Patarra e Helvécio Ratton

Bens Confiscados

Roteiro comentado pelos seus autores Daniel Chaia e Carlos Reichenbach

Braz Chediak – Fragmentos de uma Vida

Sérgio Rodrigo Reis

Cabra-Cega

Roteiro de Di Moretti, comentado por Toni Venturi e Ricardo Kauffman

O Caçador de Diamantes

Roteiro de Vittorio Capellaro, comentado por Máximo Barro

Carlos Coimbra – Um Homem Raro

Luiz Carlos Merten

Carlos Reichenbach – O Cinema Como Razão de Viver

Marcelo Lyra

A Cartomante

Roteiro comentado por seu autor Wagner de Assis

Casa de Meninas

Romance original e roteiro de Inácio Araújo

O Caso dos Irmãos Naves

Roteiro de Jean-Claude Bernardet e Luis Sérgio Person

O Céu de Suely

Roteiro de Karim Aïnouz, Felipe Bragança e Maurício Zacharias

Chega de Saudade

Roteiro de Luiz Bolognesi

Cidade dos Homens

Roteiro de Elena Soárez

Como Fazer um Filme de Amor

Roteiro escrito e comentado por Luiz Moura e José Roberto Torero

O Contador de Histórias

Roteiro de Luiz Villaça, Mariana Veríssimo, Maurício Arruda e José Roberto Torero

Críticas de B.J. Duarte – Paixão, Polêmica e Generosidade

Luiz Antonio Souza Lima de Macedo

Críticas de Edmar Pereira – Razão e Sensibilidade

Org. Luiz Carlos Merten

***Críticas de Jairo Ferreira – Críticas de invenção:
Os Anos do São Paulo Shimbun***

Org. Alessandro Gamo

***Críticas de Luiz Geraldo de Miranda Leão –
Analisando Cinema: Críticas de LG***

Org. Aurora Miranda Leão

Críticas de Ruben Biáfora – A Coragem de Ser

Org. Carlos M. Motta e José Júlio Spiewak

De Passagem

Roteiro de Cláudio Yosida e Direção de Ricardo Elias

Desmundo

Roteiro de Alain Fresnot, Anna Muylaert e Sabina Anzuategui

Djalma Limongi Batista – Livre Pensador

Marcel Nadale

Dogma Feijoada: O Cinema Negro Brasileiro

Jeferson De

Dois Córregos

Roteiro de Carlos Reichenbach

A Dona da História

Roteiro de João Falcão, João Emanuel Carneiro e Daniel Filho

Os 12 Trabalhos

Roteiro de Cláudio Yosida e Ricardo Elias

Estômago

Roteiro de Lusa Silvestre, Marcos Jorge e Cláudia da Natividade

Feliz Natal

Roteiro de Selton Mello e Marcelo Vindicatto

Fernando Meirelles – Biografia Prematura

Maria do Rosário Caetano

Fim da Linha

Roteiro de Gustavo Steinberg e Guilherme Werneck; Storyboards de Fábio Moon e Gabriel Bá

Fome de Bola – Cinema e Futebol no Brasil

Luiz Zanin Oricchio

Francisco Ramalho Jr. – Éramos Apenas Paulistas

Celso Sabadin

Geraldo Moraes – O Cineasta do Interior

Klecius Henrique

Guilherme de Almeida Prado – Um Cineasta Cinéfilo

Luiz Zanin Oricchio

Helvécio Raton – O Cinema Além das Montanhas

Pablo Villaça

O Homem que Virou Suco

Roteiro de João Batista de Andrade, organização de Ariane Abdallah e Newton Cannito

Ivan Cardoso – O Mestre do Terrir

Remier

João Batista de Andrade – Alguma Solidão e Muitas Histórias

Maria do Rosário Caetano

Jorge Bodanzky – O Homem com a Câmera

Carlos Alberto Mattos

José Antonio Garcia – Em Busca da Alma Feminina

Marcel Nadale

José Carlos Burle – Drama na Chanchada

Máximo Barro

Liberdade de Imprensa – O Cinema de Intervenção

Renata Fortes e João Batista de Andrade

Luiz Carlos Lacerda – Prazer & Cinema

Alfredo Sternheim

Maurice Capovilla – A Imagem Crítica

Carlos Alberto Mattos

Mauro Alice – Um Operário do Filme

Sheila Schvarzman

Máximo Barro – Talento e Altruísmo

Alfredo Sternheim

Miguel Borges – Um Lobisomem Sai da Sombra

Antônio Leão da Silva Neto

Não por Acaso

Roteiro de Philippe Barcinski, Fabiana Werneck Barcinski
e Eugênio Puppo

Narradores de Javé

Roteiro de Eliane Caffé e Luís Alberto de Abreu

Olhos Azuis

Argumento de José Joffily e Jorge Duran
Roteiro de Jorge Duran e Melanie Dimantas

Onde Andará Dulce Veiga

Roteiro de Guilherme de Almeida Prado

Orlando Senna – O Homem da Montanha

Hermes Leal

Pedro Jorge de Castro – O Calor da Tela

Rogério Menezes

Quanto Vale ou É por Quilo

Roteiro de Eduardo Benaim, Newton Cannito e Sergio Bianchi

Ricardo Pinto e Silva – Rir ou Chorar

Rodrigo Capella

Rodolfo Nanni – Um Realizador Persistente

Neusa Barbosa

Salve Geral

Roteiro de Sergio Rezende e Patrícia Andrade

O Signo da Cidade

Roteiro de Bruna Lombardi

Ugo Giorgetti – O Sonho Intacto

Rosane Pavam

Viva-Voz

Roteiro de Márcio Alemão

Vladimir Carvalho – Pedras na Lua e Pelejas no Planalto

Carlos Alberto Mattos

Vlado – 30 Anos Depois

Roteiro de João Batista de Andrade

Zuzu Angel

Roteiro de Marcos Bernstein e Sergio Rezende

Série Cinema

Bastidores – Um Outro Lado do Cinema

Elaine Guerini

Série Ciência & Tecnologia

Cinema Digital – Um Novo Começo?

Luiz Gonzaga Assis de Luca

A Hora do Cinema Digital – Democratização e Globalização do Audiovisual

Luiz Gonzaga Assis De Luca

Série Crônicas

Crônicas de Maria Lúcia Dahl – O Quebra-cabeças

Maria Lúcia Dahl

Série Dança

Rodrigo Pederneiras e o Grupo Corpo – Dança Universal

Sérgio Rodrigo Reis

Série Música

Maestro Diogo Pacheco – Um Maestro para Todos

Alfredo Sternheim

Rogério Duprat – Ecletismo Musical

Máximo Barro

Sérgio Ricardo – Canto Vadio

Eliana Pace

Wagner Tiso – Som, Imagem, Ação

Beatriz Coelho Silva

Série Teatro Brasil

Alcides Nogueira – Alma de Cetim

Tuna Dwek

Antenor Pimenta – Circo e Poesia

Danielle Pimenta

Cia de Teatro Os Satyros – Um Palco Visceral

Alberto Guzik

Críticas de Clóvis Garcia – A Crítica Como Ofício

Org. Carmelinda Guimarães

Críticas de Maria Lucia Candeias – Duas Tábuas e Uma Paixão

Org. José Simões de Almeida Júnior

Federico Garcia Lorca – Pequeno Poema Infinito

Antonio Gilberto e José Mauro Brant

Ilo Krugli – Poesia Rasgada

Ieda de Abreu

João Bethencourt – O Locatário da Comédia

Rodrigo Murat

José Renato – Energia Eterna

Hersch Basbaum

Leilah Assumpção – A Consciência da Mulher

Eliana Pace

Luís Alberto de Abreu – Até a Última Sílab

Adélia Nicolete

Maurice Vaneau – Artista Múltiplo

Leila Corrêa

Renata Palottini – Cumprimenta e Pede Passagem

Rita Ribeiro Guimarães

Teatro Brasileiro de Comédia – Eu Vivi o TBC

Nydia Licia

O Teatro de Abílio Pereira de Almeida

Abílio Pereira de Almeida

O Teatro de Aimar Labaki

Aimar Labaki

O Teatro de Alberto Guzik

Alberto Guzik

O Teatro de Antonio Rocco

Antonio Rocco

O Teatro de Cordel de Chico de Assis

Chico de Assis

O Teatro de Emílio Boechat

Emílio Boechat

***O Teatro de Germano Pereira – Reescrevendo
Clássicos***

Germano Pereira

O Teatro de José Saffioti Filho

José Saffioti Filho

*O Teatro de Alcides Nogueira – Trilogia: Ópera
Joyce – Gertrude Stein, Alice Toklas & Pablo Picasso –
Pólvora e Poesia*

Alcides Nogueira

*O Teatro de Ivam Cabral – Quatro textos para um tea-
tro veloz: Faz de Conta que tem Sol lá Fora – Os Cantos
de Maldoror – De Profundis – A Herança do Teatro*

Ivam Cabral

*O Teatro de Noemi Marinho: Fulaninha e Dona
Coisa, Homeless, Cor de Chá, Plantonista Vilma*

Noemi Marinho

Teatro de Revista em São Paulo – De Pernas para o Ar

Neyde Veneziano

*O Teatro de Samir Yazbek: A Entrevista –
O Fingidor – A Terra Prometida*

Samir Yazbek

O Teatro de Sérgio Roveri

Sérgio Roveri

*Teresa Aguiar e o Grupo Rotunda – Quatro Décadas
em Cena*

Ariane Porto

Série Perfil

Analy Alvarez – De Corpo e Alma

Nicolau Radamés Creti

Aracy Balabanian – Nunca Fui Anjo

Tania Carvalho

Arlete Montenegro – Fé, Amor e Emoção

Alfredo Sternheim

Ary Fontoura – Entre Rios e Janeiros

Rogério Menezes

Berta Zemel – A Alma das Pedras

Rodrigo Antunes Corrêa

Bete Mendes – O Cão e a Rosa

Rogério Menezes

Betty Faria – Rebelde por Natureza

Tania Carvalho

Carla Camurati – Luz Natural

Carlos Alberto Mattos

Cecil Thiré – Mestre do seu Ofício

Tania Carvalho

Celso Nunes – Sem Amarras

Eliana Rocha

Cleyde Yaconis – Dama Discreta

Vilmar Ledesma

David Cardoso – Persistência e Paixão

Alfredo Sternheim

Débora Duarte – Filha da Televisão

Laura Malin

Denise Del Vecchio – Memórias da Lua

Tuna Dwek

Elisabeth Hartmann – A Sarah dos Pampas

Reinaldo Braga

Emiliano Queiroz – Na Sobremesa da Vida

Maria Leticia

Emilio Di Biasi – O Tempo e a Vida de um Aprendiz

Erika Riedel

Etty Fraser – Virada Pra Lua

Vilmar Ledesma

***Ewerton de Castro – Minha Vida na Arte:
Memória e Poética***

Reni Cardoso

Fernanda Montenegro – A Defesa do Mistério

Neusa Barbosa

Fernando Peixoto – Em Cena Aberta

Marília Balbi

Geórgia Gomide – Uma Atriz Brasileira

Eliana Pace

Gianfrancesco Guarnieri – Um Grito Solto no Ar

Sérgio Roveri

Glauco Mirko Laurelli – Um Artesão do Cinema

Maria Angela de Jesus

Ilka Soares – A Bela da Tela

Wagner de Assis

Irene Ravache – Caçadora de Emoções

Tania Carvalho

Irene Stefania – Arte e Psicoterapia

Germano Pereira

Isabel Ribeiro – Iluminada

Luis Sergio Lima e Silva

Isolda Cresta – Zozô Vulcão

Luis Sérgio Lima e Silva

Joana Fomm – Momento de Decisão

Vilmar Ledesma

John Herbert – Um Gentleman no Palco e na Vida

Neusa Barbosa

Jonas Bloch – O Ofício de uma Paixão

Nilu Lebert

Jorge Loredó – O Perigote do Brasil

Cláudio Fragata

José Dumont – Do Cordel às Telas

Klecíus Henrique

Leonardo Villar – Garra e Paixão

Nydia Licia

Lília Cabral – Descobrimo Lília Cabral

Analu Ribeiro

Lolita Rodrigues – De Carne e Osso

Eliana Castro

Louise Cardoso – A Mulher do Barbosa

Vilmar Ledesma

Marcos Caruso – Um Obstinado

Eliana Rocha

Maria Adelaide Amaral – A Emoção Libertária

Tuna Dwek

Marisa Prado – A Estrela, O Mistério

Luiz Carlos Lisboa

Mauro Mendonça – Em Busca da Perfeição

Renato Sérgio

Miriam Mehler – Sensibilidade e Paixão

Vilmar Ledesma

Naum Alves de Souza: Imagem, Cena, Palavra

Alberto Guzik

Nicette Bruno e Paulo Goulart – Tudo em Família

Elaine Guerrini

Nívea Maria – Uma Atriz Real

Mauro Alencar e Eliana Pace

Niza de Castro Tank – Niza, Apesar das Outras

Sara Lopes

Paulo Betti – Na Carreira de um Sonhador

Teté Ribeiro

Paulo José – Memórias Substantivas

Tania Carvalho

Paulo Hesse – A Vida Fez de Mim um Livro e Eu Não Sei Ler

Eliana Pace

Pedro Paulo Rangel – O Samba e o Fado

Tania Carvalho

Regina Braga – Talento é um Aprendizado

Marta Góes

Reginaldo Faria – O Solo de Um Inquieto

Wagner de Assis

Renata Fronzi – Chorar de Rir

Wagner de Assis

Renato Borghi – Borghi em Revista

Élcio Nogueira Seixas

Renato Consorte – Contestador por Índole

Eliana Pace

Rolando Boldrin – Palco Brasil

Ieda de Abreu

Rosamaria Murtinho – Simples Magia

Tania Carvalho

Rubens de Falco – Um Internacional Ator Brasileiro

Nydia Licia

Ruth de Souza – Estrela Negra

Maria Ângela de Jesus

Sérgio Hingst – Um Ator de Cinema

Máximo Barro

Sérgio Viotti – O Cavalheiro das Artes

Nilu Lebert

Silnei Siqueira – A Palavra em Cena

Ieda de Abreu

Silvio de Abreu – Um Homem de Sorte

Vilmar Ledesma

Sônia Guedes – Chá das Cinco

Adélia Nicolete

Sonia Maria Dorce – A Queridinha do meu Bairro

Sonia Maria Dorce Armonia

Sonia Oiticica – Uma Atriz Rodriguiana?

Maria Thereza Vargas

Stênio Garcia – Força da Natureza

Wagner Assis

Suely Franco – A Alegria de Representar

Alfredo Sternheim

Tatiana Belinky – ... E Quem Quiser Que Conte Outra

Sérgio Roveri

Theresa Amayo – Ficção e Realidade

Theresa Amayo

Tony Ramos – No Tempo da Delicadeza

Tania Carvalho

Umberto Magnani – Um Rio de Memórias

Adélia Nicolete

Vera Holtz – O Gosto da Vera

Analu Ribeiro

Vera Nunes – Raro Talento

Eliana Pace

Walderez de Barros – Voz e Silêncios

Rogério Menezes

Walter George Durst – Doce Guerreiro

Nilu Lebert

Zezé Motta – Muito Prazer

Rodrigo Murat

Especial

Agildo Ribeiro – O Capitão do Riso

Wagner de Assis

Av. Paulista, 900 – a História da TV Gazeta

Elmo Francfort

Beatriz Segall – Além das Aparências

Nilu Lebert

Carlos Zara – Paixão em Quatro Atos

Tania Carvalho

Célia Helena – Uma Atriz Visceral

Nydia Licia

Charles Möeller e Claudio Botelho – Os Reis dos Musicais

Tania Carvalho

Cinema da Boca – Dicionário de Diretores

Alfredo Sternheim

Dina Sfat – Retratos de uma Guerreira

Antonio Gilberto

Eva Todor – O Teatro de Minha Vida

Maria Angela de Jesus

Eva Wilma – Arte e Vida

Edla van Steen

Gloria in Excelsior – Ascensão, Apogeu e Queda do Maior Sucesso da Televisão Brasileira

Álvaro Moya

Lembranças de Hollywood

Dulce Damasceno de Britto, organizado por Alfredo Sternheim

Maria Della Costa – Seu Teatro, Sua Vida

Warde Marx

Mazzaropi – Uma Antologia de Risos

Paulo Duarte

Ney Latorraca – Uma Celebração

Tania Carvalho

***Odorico Paraguaçu: O Bem-amado de Dias
Gomes – História de um Personagem Larapista e
Maquiavelento***

José Dias

Raul Cortez – Sem Medo de se Expor

Nydia Licia

Rede Manchete – Aconteceu, Virou História

Elmo Francfort

Sérgio Cardoso – Imagens de Sua Arte

Nydia Licia

Tônia Carrero – Movida pela Paixão

Tania Carvalho

TV Tupi – Uma Linda História de Amor

Vida Alves

Victor Berbara – O Homem das Mil Faces

Tania Carvalho

***Walmor Chagas – Ensaio Aberto para Um Homem
Indignado***

Djalma Limongi Batista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo**

Carvalho, Tânia

Maurício Mattar: de peito aberto / Tânia Carvalho – São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.

184p. : il. – (Coleção Aplauso. Série perfil / Coordenador geral Rubens Ewald Filho)

ISBN 978-85-7060-914-4

1. Atores e atrizes de cinema – Biografia; 2. Atores e atrizes de televisão; 3. Maurício Mattar, 1964. I. Ewald Filho, Rubens; II. Título; III. Série.

CDD 791.092

Índice para catálogo sistemático:

1. Atores brasileiros: Biografia:
Representações públicas: Artes 791.092

Proibida reprodução total ou parcial sem autorização
prévia do autor ou dos editores
Lei nº 9.610 de 19/02/1998

Foi feito o depósito legal
Lei nº 10.994, de 14/12/2004

Impresso no Brasil / 2010

Todos os direitos reservados.

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo
Rua da Mooca, 1921 Mooca
03103-902 São Paulo SP
www.imprensaoficial.com.br/livraria
livros@imprensaoficial.com.br
SAC 0800 01234 01
sac@imprensaoficial.com.br

Coleção Aplauso Série Perfil

Coordenador Geral	Rubens Ewald Filho
Coordenador Operacional e Pesquisa Iconográfica	Marcelo Pestana
Projeto Gráfico	Carlos Cirne
Editor Assistente	Claudio Erlichman
Assistente	Charles Bandeira
Editoração	Fatima Regina S. Lima Marilena Villavoy
Tratamento de Imagens	José Carlos da Silva
Revisão	José Vieira de Aquino

Formato: 12 x 18 cm

Tipologia: Frutiger

Papel miolo: Offset LD 90 g/m²

Papel capa: Triplex 250 g/m²

Número de páginas: 184

Editoração, CTP, impressão e acabamento:
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

*Nesta edição, respeitou-se o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa*

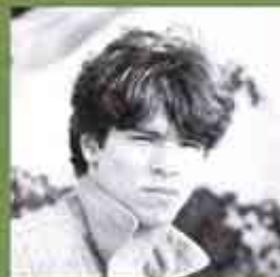
Coleção *Aplauso* | em todas as livrarias e no site
www.imprensaoficial.com.br/livraria

|imprensaoficial

Muita gente acha que os galãs são só bonitos. Ao longo dos anos, muitos atores provaram o contrário. Maurício Mattar faz exatamente isso em *De Peito Aberto*. Com mais de 40 anos de idade, trinta de carreira, ele faz neste livro um retrospecto da sua vida e reconhece que muitas vezes até caiu na tentação do sucesso, mas que hoje sabe o que quer: *A maturidade está me trazendo sabedoria e eu quero é mais.*

Maurício começou no teatro no Tablado, de Maria Clara Machado, e participou de montagens ícones dos anos 80, como *Capitães de Areia* e *Os Doze Trabalhos de Hércules*. Foi levado para a televisão e viveu João Ligeiro, em *Roque Santeiro*. A morte do personagem na novela rendeu cartas, protestos e a audiência de 100%. A partir daí, não parou mais: fez 16 novelas e séries. E, em cada uma delas, procurou um jeito diferente de fazer seu personagem, buscou uma marca, um jeito, uma maneira diferente de expressá-lo, usando tudo o que aprendera no teatro. Na música gravou vários CDs, virando um astro. Hoje quer uma vida mais calma e está em busca de um grande personagem que mude a sua imagem para sempre. Este livro mostra este novo Maurício, inquieto por um lado, absolutamente tranquilo por outro: *Quería uma chance assim: viver um homem gordo, prognata, manco, cego barba por fazer, não importa. Preciso somente estar atento para perceber os sinais e agarrar com unhas e dentes a oportunidade quando ela aparecer.*

A vida e carreira de Maurício são contadas por Tania Carvalho, que já escreveu dentre outras as biografias de Tony Ramos, Irene Ravache, Aracy Balabanian e Tonia Carrero. Mais um lançamento da **Coleção Aplauso da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo** no seu trabalho de resgate e preservação da memória cultural brasileira.



ISBN 978-85-7060-914-4



9 788570 609144